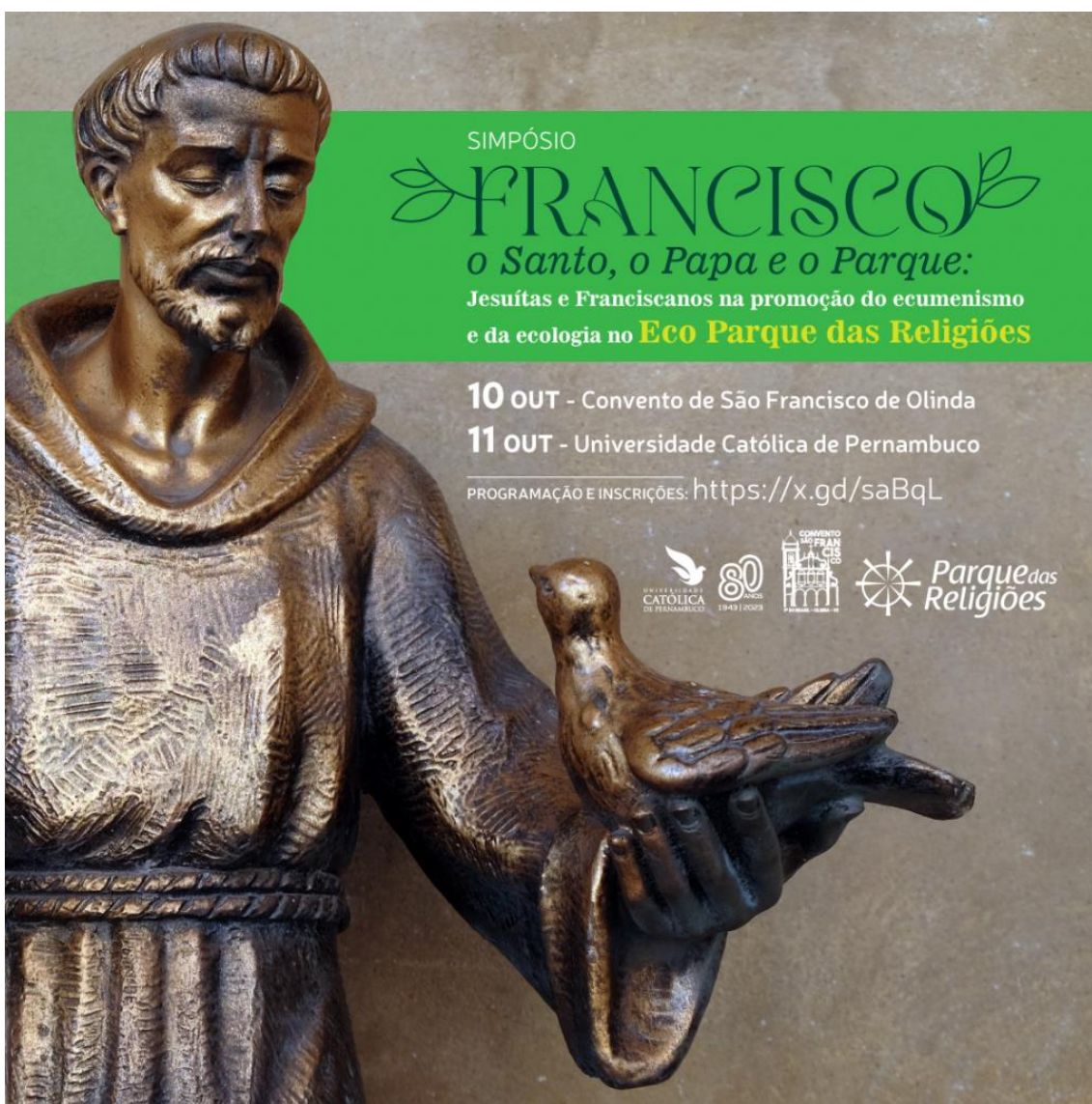


RELATÓRIO DO SIMPÓSIO SOBRE O ECO PARQUE DAS RELIGIÕES



SIMPÓSIO

FRANCISCO

o Santo, o Papa e o Parque:
Jesuítas e Franciscanos na promoção do ecumenismo
e da ecologia no **Eco Parque das Religiões**

10 OUT - Convento de São Francisco de Olinda
11 OUT - Universidade Católica de Pernambuco

PROGRAMAÇÃO E INSCRIÇÕES: <https://x.gd/saBqL>

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO 80 ANOS 1943 | 2023 CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA

Parque das Religiões

"Depois de estudar a multiplicidade de formas religiosas, é natural pensar em avaliá-las e compará-las. No passado, a comparação talvez tenha sido supervalorizada, mas será sempre uma ferramenta de pesquisa importante e instrutiva. Nosso uso da comparação deve sempre ser guiado por um princípio importante de crítica cuidadosa: a semelhança de forma nem sempre implica semelhança de significado. A comparação deveria ajudar-nos a ver não apenas o que é comum, mas também o que é distinto e diferente".

(Joachim Wach - History of Religions - Religionswissenschaft)

Simpósio "Francisco – o Santo, o Papa e o Parque: Jesuítas e Franciscanos na promoção do ecumenismo e da ecologia no Eco Parque das Religiões" (2023: Olinda e Recife, PE).

Relatório do Simpósio Francisco – o Santo, o Papa e o Parque. Organização: Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife. Recife: UNICAP, 2023.

E-book (56 p.: il.)

Equipe de Redação: Cláudio Cristino, Cyntia Farias, Gilbraz Aragão, Juane Alves, Luís Jorge Lira Neto, Mailson Cabral, Mariano Silva.

SUMÁRIO

1. Apresentação - 4
2. Estudos preparatórios sobre Museologia do Sagrado
 - 2.1. ORZECH - 7
 - 2.2. MAIRESSE - 11
 - 2.3. ROQUE - 17
3. Relato do Simpósio "Francisco: o Santo, o Papa e o Parque"
 - 3.1. Programação - 22
 - 3.2. Comissões de trabalho - 23
 - 3.3. Crônica dos eventos - 25
4. Prospecções em História das Religiões para a Expografia do Museu
 - 4.1. Tempos e locais - 31
 - 4.2. Vida, morte e além - 36
 - 4.3. Diálogos e conflitos - 38
5. Referências – 42
6. Anexos
 - 6.1. Fotos do Simpósio - 46
 - 6.2. Conceito Arquitetônico do Museu - 51

1. APRESENTAÇÃO

No começo de 2023 fizemos um Seminário Interno para envolver a comunidade acadêmica com o projeto do Eco Parque das Religiões na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e agora realizamos um Simpósio Aberto para começar a debater o projeto com a sociedade. O Simpósio aconteceu nos dias 10 e 11 de outubro, no Convento dos Franciscanos de Olinda e no campus jesuítico da Universidade Católica de Pernambuco no Recife. Foi promovido pelo Instituto Museu Parque das Religiões, UNICAP e Província Franciscana do Nordeste. O site do evento, com mais informações organizacionais, está disponível em <https://x.gd/saBqL>

Então, inspirados pela encíclica "[Laudato Si](#)" (Louvado Sejas) do Papa Francisco e pelo "[Documento do Sínodo para a Amazônia](#)", franciscanos e jesuítas têm se unido para empreender reflexões e ações voltadas à luta pela justiça socioambiental, contra toda forma de exploração e desigualdade socioeconômica, contra toda expressão de racismo e em defesa da democracia, entendendo que essa causa da ecologia integral é também a maior motivação para o ecumenismo e macro ecumenismo, para o diálogo entre as religiões e convicções.

Há 800 anos os franciscanos criaram uma regra de vida cristã inspirada em São Francisco, que questionou a estratégia das cruzadas católicas e buscou dialogar com o Sultão muçulmano Al-Malik. Há 400 anos, na China, Matteo Ricci e os jesuítas começaram um diálogo intercultural e inter-religioso buscando colaborar com tudo o que leva a humanidade "para frente e para cima": faz 80 anos que os Companheiros de Jesus buscam implementar essas perspectivas na Universidade Católica de Pernambuco.

Tais experiências motivaram a abertura desses religiosos para o estudo científico das tradições de fé e para a meditação mística sobre os dados das ciências, levando-os a acolherem e promoverem o mais amplo ecumenismo entre os grupos espirituais e filosóficos que defendem a justiça e a compaixão, o mais sincero diálogo com as pessoas que amam a vida e a liberdade. Por isso, especialmente os franciscanos e os jesuítas abraçaram o movimento internacional "[Laudato Si Revolution](#)", que se reveste de grande simbolismo por aproximar os carismas e as forças dos dois grandes santos fundadores, Francisco e Inácio, que se refletem na imagem do Papa Francisco, personificando os dois enquanto jesuíta que escolheu o nome de Francisco.

Essa união propõe uma "revolução" que incorpora profunda mudança de paradigma no relacionamento com a Terra, nossa "casa comum", convidando as religiões para a promoção da fraternidade contra as injustiças e a favor do cuidado com o meio ambiente. Entrando nessa ciranda ecológica e ecumênica, os [franciscanos de Olinda](#) resolveram abrir o sítio do seu Convento, o mais antigo do Brasil, para acolher o [Eco Parque das Religiões](#): um museu projetado por educadores da sociedade civil inspirados por Dom Helder Câmara e seus

colaboradores, que vem sendo desenvolvido com suporte dos [estudos de religião](#) cultivados pelos jesuítas na UNICAP, assessorado desde o início pelo seu [Observatório das Religiões](#).

Administrativamente, o Parque contará com três órgãos colegiados para sua gestão: um Conselho Gestor formado pelos fundadores, um Conselho Científico formado por estudiosos das religiões e um Conselho Consultivo formado por representantes das tradições religiosas e espirituais. Em pleno coração do Sítio Histórico, Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, com apoio do poder público e financiamento de empresas parceiras, vai surgir, então, um museu sobre as espiritualidades humanas em meio a jardim para meditação sobre a mística que se desenvolve entre e além das tradições religiosas, para contemplação e envolvimento com a natureza, em torno de uma secular fonte de água e com vista para o mar verde da “Marim dos Caetés”.

O Simpósio “Francisco – o Santo, o Papa e o Parque” quis, então, aprofundar a causa e os temas ecológicos e ecumênicos do Eco Parque das Religiões, que une jesuítas e franciscanos em Olinda. Em 2023, os franciscanos comemoram 800 anos de sua regra, celebramos 80 anos da UNICAP sob animação dos jesuítas e 10 anos de Francisco como Papa.

Uma comissão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica vem construindo o conceito arquitetônico do museu e, junto com o Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade, estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre os conteúdos educativos a serem apresentados nesse museu, com o objetivo de promover aprendizagens críticas e transdisciplinares sobre as experiências espirituais da humanidade, através de espaços e vivências que unam arte, tecnologia e natureza, constituindo-se em um ponto importante de cultura em Pernambuco, em um museu dinâmico e interativo, em um sítio de educação humanista que estimule a busca de significados mais profundos para o patrimônio que são as espiritualidades, tanto religiosas como também não ou pós-religiosas. Este relatório sumariza os estudos preparatórios para o Simpósio e as suas contribuições para esse mutirão colaborativo.

O Eco Parque das Religiões deve se fundamentar nos estudos de religião (“Religious Studies”), que tratam dos fenômenos espirituais contextualizando e comparando processualmente as suas diversas tradições, buscando os sentidos mais densos dos seus textos escritos ou orais. Não é o caso de um comparatismo com fins ideológicos ou proselitistas. Nesse sentido, temos destacado a [história e teologia comparadas das religiões](#), principalmente a produzida por [Willian Paden](#) e [Catherine Cornille](#), além da museologia do sagrado desenvolvida por [François Mairesse](#), [Charles Orzech](#) e [Maria Isabel Roque](#), que inclusive desenvolveram análise acerca dos principais museus sobre as religiões, fazendo críticas e sugestões com base em trabalhos antropológicos sobre a curadoria de objetos religiosos.

As igrejas têm se tornado por vezes museus e os museus funcionam como “igrejas” ou centros espirituais e os dois atendem cada vez mais à indústria turística:

desejamos que o nosso museu, todavia, acenda o farol da educação científica sobre as religiões em Olinda, apresentando as experiências espirituais contextualizadas historicamente, em um sítio alegre, acolhedor das pessoas e promotor do diálogo para a paz com justiça. Nessa linha, como ilustração, a primeira sala expositiva deve ter ao centro uma representação da “[árvore das religiões](#)”, ladeada por uma [linha do tempo](#) cartografada e animada das tradições religiosas e alguma [história das ideias](#) religiosas. Mas como inspirar as apresentações dos outros temas do museu?

O nosso Simpósio ampliou esse debate com a comunidade acadêmica e os representantes da sociedade, buscando pensar sobre a concepção do Eco Parque, sobre as temáticas transversais de religiões e religiosidades que devem inspirar a produção de objetos virtuais nas suas exposições. A primeira parte deste relatório, com estudos preparatórios, traz fundamentações para o projeto a partir da museologia do sagrado; a segunda parte resenha as atividades desenvolvidas durante o Simpósio, fazendo memória da sua programação e comissões envolvidas; e a terceira parte apresenta as aplicações temáticas para a expografia do museu, desde a história e teologia comparadas das religiões. O relatório termina apresentando as referências bibliográficas que estão embasando o projeto do Eco Parque das Religiões, além de trazer, nos anexos, uma compilação de fotos do Simpósio e um extrato do conceito arquitetônico do museu.

Gilbraz Aragão

Coordenador do Simpósio

2. ESTUDOS PREPARATÓRIOS SOBRE MUSEOLOGIA DO SAGRADO

2.1. ORZECZ, Charles D. **Museums of World Religions:**

displaying the divine, shaping cultures. London: Bloomsbury academic, 2020. p. 210. URL: <https://www.amazon.co.uk/Museums-World-Religions-Displaying-Bloomsbury-ebook/dp/B085S26TV7>

Resumo por Mailson Cabral

Nas últimas décadas, emergiu no campo dos Estudos de Religião (*Religious Studies*) uma perspectiva de trabalho denominada religião material (*material religion*), movimento que trouxe para o centro do debate a dimensão da religião vivida (*lived religion*) em seus mais variados aspectos. Dentro desse novo horizonte de pesquisa, o foco investigativo se direciona para as coisas materiais com as quais as pessoas fazem religião e como essas coisas (objetos, edifícios, paisagens, etc.) se relacionam com as pessoas, seus corpos, roupas, comidas, ações, pensamentos e emoções. Nesse contexto, desponta a discussão sobre a relação entre museus e religiões, especialmente acerca do que ficou historicamente conhecido como os museus das religiões mundiais (*museums of world religions*). É justamente sobre esse tema que se ocupa o livro de Charles D. Orzech, *Museums of World Religions: displaying the divine, shaping cultures*.

Surgidos no continente europeu entre o final do século XIX e início do século XX, os museus das religiões mundiais trazem como proposta a promoção da educação cultural, diálogo e tolerância inter-religiosa, estando ancorados no horizonte teórico fornecido pelo estudo comparado das religiões concebido pela Ciência da Religião (*Comparative Religions; History of Religions, Religionswissenschaft*). Entretanto, a proposta desses espaços, nesse período, baseava-se em regimes de conhecimento permeados por contradições e ambiguidades. Concebidos sob a égide do imperialismo e do colonialismo, tais espaços acabaram por naturalizar preconceitos culturais, étnico-raciais e religiosos referentes aos povos não europeus. Por essa razão, aqueles que, na atualidade, ocupam-se em pensar um empreendimento como um museu das religiões, precisam estar atentos aos pressupostos teóricos e culturais assumidos nesse processo. Isso, na análise de Orzech, implica em fazer uma crítica à noção de religião como um discurso moderno associado ao surgimento do método comparativo, bem como em repensar a natureza dos objetos religiosos, não mais os tomando como meros sinais que apontam para uma realidade transcendente ou índices de um progresso civilizacional, porém integrando-os em sua relacionalidade com o fluxo da vida.

Conforme aponta Orzech, a relação entre o estudo comparado das religiões e a noção de religiões mundiais (assim como as noções de religião comparada e de religiões) está presente desde as primeiras teorizações e debates da Ciência da

Religião, fazendo com que a concepção de religiões mundiais circulasse em diversas conferências, exposições, livros didáticos e museus no final do século XIX e início do século XX. Durante esse período, a abordagem comparativista funcionou como um elemento consonante com os interesses do imperialismo europeu, além de ser influenciada por categorias provenientes da teologia protestante, tais como divindade, espírito e transcendente. Por esses motivos, os primeiros museus dedicados às religiões acabaram por refletir muito mais os valores advindos do cristianismo e do imperialismo europeu sobre os objetos religiosos que neles eram expostos, do que enfatizar como tais objetos significam nos contextos em que eles foram produzidos e utilizados.

Sob essa ótica, Orzech questiona se os objetos colocados em coleções e exposições de museus focados em "religião" podem ser entendidos como exemplos de religião ou religiões. Dito de outro modo: existiria uma única realidade subjacente designada pelo termo "religião" da qual os objetos em questão são outras tantas instâncias, ou existem muitas formas ou sistemas culturais diferentes que escolhemos para nossos propósitos analíticos designar como religiões? A distinção entre religião e religiões, nesse sentido, relaciona-se diretamente com o modo como os museus enquadram seus objetos, como eles os rotulam e os configuram. Ao funcionar como uma taxonomia, a noção de religião estabelece uma grade comparativa hegemônica, fazendo da comparação um mecanismo que produz um espaço homogêneo e bem como seu próprio objeto de estudo, a "religião" – compreensão que, conseqüentemente, também se aplica às noções de religião comparada e religiões mundiais.

O grande complicador no uso da noção de religiões mundiais, para o autor, reside no fato dela ser herdeira dos vieses teológicos e evolucionistas do século XIX, presentes nas tipologias que a Ciência da Religião utilizava nesse período. Para Orzech, isso pode ser observado no modo como os estudiosos do início do século XX empregavam tipologias a fim de delinear ou intuir a essência do "sagrado". Ao moldar seus sistemas e comparações, muitos deles assumiram que, por trás da multiplicidade de manifestações, existe uma realidade espiritual ou transcendente unitária. Os tipos eram então organizados em uma hierarquia de acordo com sua abordagem percebida dessa realidade transcendente, que muitas vezes se conformava com as noções e preconceitos protestantes liberais. Somado a isso, o estudo comparado das religiões e as instituições que disseminaram as descobertas dessa ciência, como exposições, museus e publicações, foram produtos do imperialismo global e estavam entrelaçadas com as concepções do evolucionismo racial. Em síntese, seja em exibições de ferramentas, animais ou humanos, o que estava subjacente nas linhas que conectavam os objetos são suposições sobre desenvolvimento, superioridade e subordinação que foram cruciais nos empreendimentos imperiais e para o desenvolvimento inicial da ciência comparativa de religião.

Entretanto, isso não significa que todo modo de fazer comparação deva ser rejeitado. Para Orzech, muito mais do que a busca por transcendência ou essências, o trabalho comparativo requer a postulação da diferença como fundamento de seu interesse e uma manipulação metodológica da diferença

que persiga algum fim que lhe seja útil. Nessa perspectiva, colocar objetos juntos em uma coleção não é uma tarefa aleatória ou acidental, existindo sempre algum princípio subjacente, seja conscientemente programático ou emergente. Isso porque a proximidade espacial convida à comparação, e a comparação, conforme implantada e consagrada culturalmente, geralmente implica em proximidade. Exposições de objetos religiosos atendem a uma variedade de agendas e ideologias que podem ser rotuladas como religiosas, antirreligiosas, culturais, comparativas e estéticas. Porém, tais objetos têm dimensões que escapam a visões comparativistas cartesianas e puramente estéticas sobre eles – dimensões essas que podem ser apreendidas a partir da perspectiva de trabalho advinda da religião material.

Segundo Orzech, desde o início do século XXI um crescente número de pesquisadores tem se ocupado seriamente em desenvolver uma abordagem material da religião, refletindo uma grande mudança na compreensão da religião e dos objetos materiais que a constituem. Trabalhos como de Crispin Paine, Graham Harvey e Amy Whitehead, por exemplo, apontam para um mundo no qual os habitantes esculpidos e pintados de museus foram e podem continuar a ser “pessoas”, formando os nós que facilitam uma teia de relações sociais. Comum a todos esses escritores é o reconhecimento de que nossas taxonomias modernas, científicas e cartesianas nos cegam para outras formas de perceber e viver. Tal perspectiva, para Orzech, pode ajudar a repensar como abordamos e exibimos alguns dos objetos religiosos nas coleções dos museus, reconfigurando suas exposições, além de alertar o visitante para as dimensões sociais, ideológicas e relacionais dos objetos exibidos.

A religião, sob essa ótica, pode ser entendida como uma prática que envolve coisas materiais e o que as pessoas fazem com elas e dizem sobre elas, remetendo-nos ao problema de como e porque nomeamos as coisas. Nomes – e, por extensão, taxonomias ou tipologias – nos fornecem um atalho para entender, classificar, manipular e representar o fluxo do mundo e seus processos. Mas esse processo acaba por nivelar as coisas, tornando-as completamente invisíveis. Como uma lente colorida, eles passam apenas por uma parte estreita da realidade e filtram o resto como se ele nem existisse. Devemos ter cuidado para evitar confundir objetos – coisas – com nossas estruturas para compreendê-los. Este é especialmente o caso dos museus, onde o enquadramento, a narrativa e a representação são indiscutivelmente a sua razão de ser. Em certa medida, cada museu (ou exposição) produz um tipo específico de religião para um público específico com um objetivo educacional específico em mente, desenvolvendo uma espécie de discurso cultural em coisas cujos signos são arranjados para produzir um objeto ideal para exposição pública, reflexão e discussão.

Segundo Orzech, a nossa típica episteme moderna de “senso comum” cria o objeto “religião” e a categoria de “objetos” como uma visão emparelhada do mundo em que um lado representa o que é considerado primário, vivo e transcendente, o outro representa o que é considerado secundário e morto. Espírito e matéria, o sagrado e o profano, são objetos mutuamente constituídos. Este é o mundo epistêmico da religião comparada, e é o mundo que os museus

de religiões consideram natural. Nesse sentido, compreender as coisas como sencientes, juntamente com a possibilidade de que as dicotomias de espírito versus matéria e vida versus morte podem não ser tão rigidamente separadas quanto poderíamos pensar, pode ser tanto perturbador quanto libertador. Deste ponto de vista, objetos religiosos têm “vidas”, e objetos religiosos, objetos cotidianos e animais podem ser pensados como sencientes.

Embora não esteja claro se podemos apreender as coisas em si mesmas sem algum tipo de identidade referencial objetificante, certamente podemos conceber tais abordagens e ficar alertas para as maneiras pelas quais nossos vieses epistêmicos podem obscurecer outras formas de estar e perceber o mundo. Podemos, por exemplo, pensar na questão da agência de objetos ao longo de um espectro. Em uma extremidade do espectro, os objetos não têm agência – eles não têm vida. Mas também podemos pensar nos objetos como tendo uma espécie de agência emprestada. Assim, as pessoas criaram objetos como maçanetas e, quando nos aproximamos de uma porta, encontramos nossa mão estendida para agarrar a maçaneta como se fossemos convidados. Outra maneira de pensar na agência dos objetos é observar como eles podem mediar ou facilitar a interação social, funcionando quase invisivelmente como nós em um site de rede social.

Nesse contexto, como podemos tentar ver de maneira diferente as coisas que colocamos nos museus religiosos? Como um museu pode apresentar as coisas de maneira correlacional? Para Orzech, isso envolveria modificar o enquadramento da exposição para evitar rotular com grandes estruturas conceituais e narrativas como “religioso”, “deus” ou mesmo “ritual” em favor de uma descrição, traçando a produção e circulação material de um objeto, sua criação e função como um nó: um nó nos fluxos de pessoas e outras coisas materiais, incluindo aquelas que estão à sua frente na “exibição”. Isso pode incluir passeios sob medida, narrativa contextual intensiva de objetos selecionados, incluindo sua museificação, e coordenação entre comunidades religiosas e museus. Finalmente, pode-se explorar o tratamento de objetos selecionados com base na visão do museu como uma “zona de contato” ou como um “terceiro espaço”, capaz de enfatizar que os museus e os objetos neles contidos podem funcionar como cenários de contato cultural, contestação, possível aprendizado e troca.

Nessa perspectiva, Orzech enfatiza que um museu de religiões existe como um terceiro espaço onde se pode traçar as “linhas” ou processos e histórias de objetos e como eles se entrelaçam com colecionadores, curadores, visitantes e comunidades religiosas. Para o autor, a necessidade de ressaltar esse ponto reside no fato de que, mais do que nunca, os museus de religiões envolvem a promoção da tolerância. Porém, promover a tolerância com sucesso requer não apenas um senso de como somos parecidos, mas principalmente um senso de como e onde diferimos. A abordagem tradicional da religião comparada acabou por separar a religião do fluxo e da matéria da vida. Somos desafiados, portanto, a imaginar como um museu das religiões pode trazer objetos de volta ao fluxo da vida, isto é, a sua relacionalidade.

Inspirando-se nessa proposta, Orzech busca discutir ao longo de seu livro os limites e possibilidades dos museus dedicados às religiões, fazendo uma análise de caso de cinco desses museus (*Religionskundliche Sammlung*, Marburgo, Alemanha; *the State Museum of the History of Religions*, São Petersburgo, Rússia; *Le Musée des Religions du Monde*, Nicolet, Quebec; *the St. Mungo Museum of Religious Life and Art*, Glasgow, Escócia; *the Museum of World Religions*, Taipei, Taiwan), todos projetados de acordo com regimes de conhecimento decorrentes da agenda da religião comparada dos séculos XIX e XX e que concebem, na atualidade, a sua missão como uma forma de intervenção social com o objetivo de promover a tolerância religiosa.

Em síntese, *Museums of World Religions: displaying the divine, shaping cultures* é uma obra indispensável para todos aqueles que desejam se aventurar no amplo e nuançado universo que engloba as relações entre museus e religiões.

2.2. MAIRESSE, François. « The sacred in the prism of museology », **ICOFOM Study Series**

[En ligne], 47(1-2) | 2019, mis en ligne le 12 octobre 2019, consulté le 28 août 2023. URL: <http://journals.openedition.org/iss/1286>; DOI: <https://doi.org/10.4000/iss.1286>

Tradução eletrônica para estudo

1 Os artigos reunidos neste número em torno das ligações entre museus, museologia e sagrado, foram em grande parte alimentados pelas discussões do 41º simpósio organizado pelo ICOFOM em torno desse tema em Teerã, de 15 a 19 de outubro de 2018 (Mairesse, 2018). Essas contribuições buscam dar continuidade às reflexões e discussões, muitas vezes apaixonadas, iniciadas durante esses encontros.

2 O tema do sagrado é de suma importância para o mundo dos museus, tanto em termos dos objetos que apresentam quanto da própria essência da instituição – e do papel por vezes ambíguo que esta última desempenha a esse respeito: o museu pode ser acusado tanto de sacralizar objetos seculares quanto de profanar objetos sagrados. Do ponto de vista etimológico, o termo inclui a ideia de separação (Texier, 1990): o espaço do sagrado está relacionado à experiência do encontro do divino (hierofania). Medo e pavor (Otto, 1969), experiência da realidade ou do que há de mais real neste mundo (Eliade, 1965). Se definirmos museologia, como sugeriu Stránský na década de 1980, como o estudo de uma relação específica do homem com a realidade (Gregorová, 1980), qual é a realidade? Desde logo, o contexto em que Stránský escreveu nos permite ter alguma ideia de sua concepção de realidade, oriunda do pensamento iluminista e marxista. Quando o museólogo de Brno considerou essa perspectiva específica, foi a partir de uma visão baseada na constituição ativa de coleções de materiais

ligados a disciplinas clássicas como arqueologia, etnografia, ciências naturais ou história da arte (Mairesse, 2019). O papel do museu, segundo essa perspectiva, faz parte de uma abordagem científica (e, diga-se de passagem, estética) do mundo. O sagrado aparece aqui essencialmente como objeto de estudo etnográfico ou histórico a partir de uma perspectiva amplamente agnóstica ou atea: qualquer outro tipo de experiência que não aquela proposta pela ciência ou pela estética parece um tanto absurda, a menos que observada e analisada da mesma maneira.

3No entanto, o mundo dos museus, procurando livrar-se da dimensão religiosa onipresente no patrimônio, parece ter apenas movido o cursor. Seu funcionamento também inclui, por meio de suas práticas e de seus espaços, fortes semelhanças que podem ser observadas dentro de outros lugares sagrados: arquitetura, modos de visita (Duncan e Wallach, 1978), atitudes dos curadores em relação aos visitantes leigos etc. (Mairesse, 2014). Ao lado dessas evoluções que podem ser acompanhadas de acordo com a história dos museus, as instituições sagradas (templos, igrejas, locais de peregrinação) também desenvolveram dispositivos expositivos que parecem surpreendentemente semelhantes aos dos museus clássicos: visitas, venda de catálogos ou lembranças, etc. Ao mesmo tempo, muitos lugares anteriormente sagrados (templos, igrejas, etc.) tornaram-se museus e patrimônio.

4 O que dizer desse estreito entrelaçamento entre dois mundos que *a priori* nada têm em comum, mas cuja análise revela práticas por vezes surpreendentemente semelhantes? As conclusões do Simpósio de Teerã, bem como os artigos deste número que dão continuidade à discussão, não pretendem circunscrever o assunto, mas permitem apresentar algumas perspectivas de pesquisa para melhor compreender a inter-relação entre as duas áreas.

O palco sagrado

5Um primeiro elemento que emergiu diretamente das discussões diz respeito à natureza do sagrado, sua presença através de certos objetos e sua consequente hierarquia implícita. Uma perspectiva bastante geral, amplamente evocada durante o simpósio, visa de fato reconhecer o sagrado em um número muito grande de lugares ou objetos: paisagens, florestas, fontes, montanhas, objetos de culto, etc. De acordo com tal visão das coisas, o sagrado aparece inevitavelmente tanto no museu quanto na curva de um caminho, na natureza. No entanto, da mesma forma que outras hierarquias (estética, valor financeiro), certos lugares ou certos objetos, como a Caaba ou o Sudário de Turim, parecem mais sagrados do que outros. Se pudermos considerar obras de arte ou evidências históricas do ângulo de uma certa sacralidade, os objetos de culto apresentam, em sua maioria, um "nível de sacralidade" diferente daquele que poderíamos encontrar antes da Pedra de Rosetta ou mesmo da Mona Lisa, para citar apenas dois exemplos famosos. Isso pode parecer trivial; No entanto, permite-nos observar que os objetos considerados atualmente como os mais sagrados (todas as sociedades juntas) não são preservados em museus (pelo menos museus seculares, alguns templos também criaram espaços museológicos). Se pudermos observar de perto a múmia de Tutancâmon, certamente de altíssimo nível de

sacralidade durante a época faraônica, os objetos ou os lugares mais sagrados das grandes religiões atuais (reliquias, espaços sagrados) não aparecem nos museus, mas permanecem ligados ao culto. O sagrado ainda aparece, nessa perspectiva, como retirado dos lugares leigos e, embora o museu opere em grande parte como um espaço afastado da vida cotidiana, não parece oferecer características semelhantes àsquelas que prevalecem em lugares diretamente projetados com a relação tradicional com o sagrado. O museu procura musealizar o mundo através de seus objetos, mas alguns deles ainda parecem ter força suficiente para resistir a ele. Se continuarmos com esse raciocínio, poderíamos notar que a força de povos ou sociedades associados a certos objetos determina seu lugar (ou sua ausência) dentro do museu: quanto mais um culto enfraquece (ou está ligado a um poder política e militarmente fraco), mais ele tem a chance de ser musealizado. Isso pode ser observado com a herança de sociedades desaparecidas, dominadas ou colonizadas. Por outro lado, os pedidos de restituição endereçados (e obtidos) nos últimos anos por povos indígenas e sociedades ex-colonizadas testemunham tanto novas relações geopolíticas de poder quanto a revitalização de certas crenças ancestrais.

6 Um segundo princípio de nossa relação com o sagrado é constituído pela ligação entre o lugar (ou objeto) e o intercessor, este último reconhecendo ou fazendo brotar o sagrado. Um feiticeiro, um eclesiástico ou pelo menos um ator reconhecido pela comunidade e habilitado a reunir os dois mundos (profano e sagrado) é solicitado a atestar a presença do sagrado ou fazê-lo aparecer através de um ritual. A prática museológica, nessa perspectiva, difere muito daquela encontrada nos locais de culto. É certo que o curador (ou um escrivão ou um educador, segundo os princípios da hierarquia museológica) atesta, por assim dizer, a musealidade de um objeto, isto é, o que condicionou sua seleção, sua preservação e sua apresentação: uma mesa perde seu status no mundo profano (sujeito ao seu valor de uso) para ser apresentada de acordo com seu valor documental para representar a realidade (sua musealidade). Tanto os curadores quanto o clero são considerados capacitados para reconhecer um certo nível de realidade além do mundo secular. Por outro lado, o poder do curador pára onde o sacerdote ou o xamã realmente começa, pois ele pode trazer o sagrado ou entrar em comunhão com a transcendência. O plano do museu, nessa perspectiva, parece desfasado daquele a que o sagrado conduz, o papel do museu e o da igreja não podem conduzir, apesar de algumas semelhanças em sua abordagem, às mesmas perspectivas sobre o Real.

7 Se, como já sugerido, é possível evocar as muitas semelhanças entre museus e templos (Mairesse, 2014), é igualmente possível buscar compreender de que forma diferem os dispositivos de preservação e apresentação utilizados por ambas as instituições. A estrutura de apresentação do sagrado, nesse sentido, constitui um terceiro eixo de reflexão. Museus e templos (igrejas, mesquitas, etc.) mostram objetos – relíquias, objetos de culto, testemunhos históricos – de acordo com sistemas de apresentação e interpretação às vezes semelhantes. Eles também os armazenam de acordo com métodos relativamente idênticos (a fim de garantir sua melhor preservação). Os métodos de avaliação desses objetos, no entanto, variam consideravelmente entre as duas instituições. A questão da iluminação

espacial parece separar os dois mundos. A luz do museu, embora restrita (por razões de conservação preventiva), visa proporcionar ao público condições ideais de legibilidade dos objetos. É esse mesmo princípio que orienta a apresentação da *musealia*: dar a ver e, assim, apresentá-las para que possam ser percebidas sob sua melhor luz ou observadas de todos os lados. Os princípios de exibição em templos ou locais de culto parecem se basear na lógica oposta, segundo a qual a escuridão às vezes revela melhor a dimensão sagrada dos objetos. A exposição do sagrado parece usar também, se não mais, a sombra como a luz, a passagem para o luminoso aparecendo como uma sequência muito mais limitada (como a abertura de um retábulo) do que aquela que se observa em museus. O museu não se opõe totalmente à escuridão (que usa em suas reservas), mas ao usá-la em suas exposições, é para destacar melhor os objetos, ou (mais recentemente) para evocar a sacralidade de certos objetos específicos. Finalmente, a escolha da estrutura de exibição reflete, em ambos os casos, hierarquias de valores muito diferentes. Se, para uma tradição religiosa específica, os critérios de exposição dos objetos estão ligados a uma hierarquia diretamente inerente ao culto próprio, o museu se baseia em critérios padronizados e igualitários (cultos e religiões são examinados à luz do conhecimento científico, sendo todos os cultos iguais nessa perspectiva) e hierárquicos de acordo com critérios patrimoniais (a exibição de objetos está relacionada à sua estética, histórico ou seu valor científico).

O palco do museu

8 Museologia, como entendia Stránský, pressupõe a existência de instituições anteriores aos museus modernos: tesouro, gabinetes de curiosidades, etc. (Mairesse, 2019). Os exemplos dados por este último não incluem locais de culto, permanecendo o museólogo de Brno vago a este respeito. Durante séculos, no entanto, existem coleções (obras de arte, mas também *naturalia*), mais ou menos relacionadas ao culto, que Lugli (1998) apresenta como amplamente associadas à origem dos gabinetes de curiosidades. Do ponto de vista histórico, portanto, a evolução conjunta de museus (ou seus antecessores) e locais de culto, merece ser observada. Um rápido olhar sobre a evolução das duas instituições, nos países ocidentais, permite hipotetizar que a evolução de uma ocorreu paralelamente ao declínio da outra: o número de museus criados parece estar mudando proporcionalmente ao número de igrejas abandonadas (Mairesse, 2014).

9 O deslizamento de objetos ou espaços sagrados em direção ao profano (sua profanação), que pode ser observado ao longo da história da humanidade – colapsos de civilizações, como Egito, Roma, etc., mas também lutas e cismas, como as ondas de iconoclastia durante a Reforma no Ocidente – há muito resulta no desaparecimento (ou enterro) desses objetos e lugares específicos. O desenvolvimento do fenômeno museológico, a partir do Renascimento, dá origem à criação de "terceiros lugares", a meio caminho entre o mundo do sagrado e o do desperdício desnecessário, futuro reino do arqueólogo (Mensch, 1992). O fluxo natural de objetos entre os dois mundos – sagrado e profano/desperdício – é completado por novas circulações, mas também novos encontros improváveis entre os objetos resultantes desses diferentes registros. Considerados como testemunhos únicos de um certo tipo de realidade, alguns objetos sagrados são

subitamente apresentados como testemunhas, não de uma realidade, mas de uma civilização e seu modo de conceber o sagrado. O ponto de vista relativista do museu, ao expor no mesmo espaço artefatos de todas as religiões e crenças, tem o mérito de apresentar um discurso semelhante, construído sobre um duplo registro científico e estético, mas carece de explicações específicas relacionadas aos registros do sagrado próprios de cada culto. Isso levou os objetos a coabitarem juntos, a partir de um discurso unificador, mas redutor. No entanto, os museus também preservaram (em estado fantasmagórico ou comatoso) elementos vivos do patrimônio – muitas vezes orgânicos e perecíveis – que, de outra forma, correriam o risco de desaparecer.

10 É tal modo de apropriação da realidade que seria paulatinamente questionado logo após a Segunda Guerra Mundial, de acordo com pedidos de restituição e, mais recentemente, análise mais crítica da lógica colonial e predatória do museu. Para o "museu predatório" que foi analisado pelo ICOFOM durante a Conferência Geral de Milão em 2016 (ICOFOM, 2017), foram constituídas algumas novas abordagens mais críticas da instituição, resultantes de novas visões dos museus, como as adotadas pela *Nouvelle muséologie* francesa e pela *New museology* britânica (Desvallées, 1992 & 1994; Vergo, 1989). O caráter proselitista e hegemônico das religiões monoteístas parece ter se esfregado no mundo dos museus que dele advém. Uma crítica institucional pode ser útil, mas sob que tipo de novos valores? Por outro lado, é interessante notar a lógica de coabitação que prevaleceu em outros contextos, por exemplo, dentro do Império Romano, onde os cultos em Mitra ou Ísis poderiam coexistir com a religião romana (Scheid, 2008). A derrubada do "supremacismo museológico", tal como evocado por Bruno Brulon Soares nesta edição, dará lugar à convivência pacífica entre vários registros de interpretação do sagrado, ou à emergência de outros discursos igualmente hegemônicos?

Aproximações ao sagrado no museu

11 Os autores desta edição da *Série de Estudos do ICOFOM* abordaram o sagrado de muitas maneiras. O tema do museu colonizador e supremacista ocidental é uma grade analítica subjacente a vários artigos: a noção de sagrado, tal como é apresentada nos museus ocidentais, reflete muito mais a visão dos próprios museus do que testemunha os muitos aspectos e dimensões do sagrado tal como é experimentado em outras partes do mundo. Bruno Brulon Soares, evocando a museologia como expressão de uma certa fé, sublinha o caráter amplamente hegemônico desta última, pelo menos nos países ocidentais. A partir da análise de duas exposições relacionadas ao musée du Quai Branly, ele destaca os limites da visão "científica" e estética da museologia francófona. Matías Cornejo González, baseando-se na análise do Moai Hoa Hakananai'a da Ilha de Páscoa e apresentado no Museu Britânico, questiona, por sua vez, a visão supremacista ocidental das culturas representadas, em grande parte artísticas, e a fraqueza da explicação sobre as cerimônias associadas aos objetos, tornando Rapa nui uma cultura viva. Nessas condições, como entender a essência desses colecionáveis por meio desse tipo de exibição? A apresentação por Marion Bertin da organização de armazéns e exposições em Vanuatu (distribuição de

armazenamento de acordo com proibições, organização do pessoal baseada no costume e no respeito pelo conhecimento, organização de exposições temporárias ou permanentes), testemunha as possibilidades de uma outra museologia (oceânica) e de diferenças consideráveis na organização prática dos museus e no discurso que deles resulta. Marília Xavier Cury evoca, notadamente a partir de vários exemplos do Brasil, as possibilidades de colaborações entre museólogos e nativos, a fim de integrar saberes ancestrais em saberes museológicos: diferentes soluções para uma possível coabitação.

12 Mas a relação com o sagrado parece igualmente complexa para os objetos ocidentais. Fanny Fouché, através de um exame do retábulo cristão, "sede de um possível encontro entre imanência e transcendência", examina o caráter devocional dessas obras e seu papel de apresentar o invisível através do visível, mas também a mudança gradual da devoção à apreciação estética. "A instituição museológica é capaz de garantir tanto a preservação material desse tipo de objeto quanto a transmissão da rede heterogênea de múltiplas razões e significados que apareceram?", questiona Fouché. Essa pergunta resume as interrogações da maioria dos autores em torno do complexo papel da instituição frente aos desafios de transmitir conhecimentos de civilizações e sociedades ameaçadas ou desaparecidas. Na tentativa de superar essas dificuldades, os profissionais de museus têm buscado desenvolver novos protocolos de preservação. Caitlin Spangler-Bickell, ao examinar como as categorias de inventário e conservação de altares e mausoléus são usadas no Museu Fowler da UCLA, mostra como a equipe do museu procura preservar não apenas aspectos materiais, mas também elementos efêmeros e todo o caráter "vivo" dessas formas sagradas ainda ativas. Violette Loget e Yves Bergeron, a partir da evolução do lugar da religião em Quebec, analisam a situação do patrimônio religioso nesta província, as dificuldades de financiamento encontradas pelas autoridades eclesásticas, o papel das autoridades públicas e dos profissionais de museus. Muitas polêmicas relacionadas à vontade do clero de dispor de um certo número desses bens, mas "fora do comércio, intransferíveis e imprescritíveis" sob a lei do Baixo Canadá, permitem evocar o fato de que os clérigos, às vezes pouco interessados na preservação das tradições, participam eles mesmos da dispersão de seu patrimônio, o papel da comunidade museológica é, então, lembrá-los de seus deveres. De forma mais geral, Helena Wangefelt Ström apresenta três modelos para analisar a diversidade do lugar do sagrado dentro do museu e analisar suas consequências: os modelos detalham um espectro de possibilidades que vão desde a destruição das identidades anteriores de um objeto em benefício de sua nova identidade museológica, até a possibilidade de usar objetos de várias maneiras, permitindo que ambos preservassem seus personagens vivos e inanimados.

13 De um ponto de vista mais institucional, Klas Grinell, a partir de uma análise da UNESCO e de suas relações com o ICOM, examina o poder soteriológico dos museus, considerando-os de acordo com a doutrina da salvação levada adiante por seu discurso institucional: uma salvação trazida pelo desenvolvimento econômico e pela justiça na terra, a erradicação da violência e da pobreza, etc. Paralelamente, Crispin Paine, cujo investimento em torno do tema deste número é

bem conhecido, analisa a relação com o sagrado a partir de diversas instituições mais ou menos diretamente relacionadas ao campo museológico, evocando tesouros e bibliotecas de igrejas, bem como museus apresentando teorias evolutivas alternativas (criacionismo e ciências védicas), mas também uma série de parques temáticos religiosos (no Irã, Índia, Estados Unidos, Holanda ou Japão).

14Tal gama de análises não exige, necessariamente, conclusões definitivas sobre o lugar do sagrado no museu e a relação entre museologia e sagrado. Em uma frase famosa, o museólogo britânico Kenneth Hudson resumiu a ambivalência da apresentação da "realidade" pelo museu: "um tigre de pelúcia em um museu é um tigre empalhado em um museu, não um tigre" (Hudson, 1977, p. 7). Da mesma forma, como Jan Dolak também aponta em sua breve declaração, deve-se enfatizar que um objeto sagrado em um museu é um objeto sagrado em um museu, e não um objeto sagrado. Sua musealização nunca permitirá – como tigres em outros lugares – restaurar a mesma experiência que pode ser vivida dentro de uma seita. Por outro lado, o museu, desde que se possa lamentar a realidade vivida em outros lugares, é um espaço de questionamento, discussão e abertura para outras realidades que o templo nem sempre permite. Mas precisa não apenas desistir da tentação de impor uma única visão autoritária global em nome da ciência ou da estética, mas também resistir à tentação de desaparecer em favor dos discursos dos "outros". Essa posição assume um equilíbrio precário, mas pode ser genuinamente propícia ao diálogo e à reflexão.

2.3. ROQUE, Maria Isabel¹. **O sagrado no museu:**

Musealização de objetos do culto católico em contexto português.

Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. URL:

<https://www.uceditora.ucp.pt/pt/artes-e-humanidades/2561-o-sagrado-no-museu.html>

Resumo por Luís Jorge Lira Neto

Este trabalho analisa a forma como o museu refere o sagrado: como exprime o pensamento imaterial e os sentimentos religiosos e como são referenciados os objetos litúrgicos e devocionais numa apresentação museológica.

Introdução

¹ Doutora em História pela Universidade Lusíada com a tese Musealização do sagrado: Práticas museológicas em torno de objetos do culto católico. Integrou os comissariados das exposições Encontro de Culturas (Lisboa, 1994, Vaticano, 1996), Fons Vitae (Pavilhão da Santa Sé na Expo98) e 500 Anos das Misericórdias Portuguesas (Lisboa, 2000). Integrou o grupo de trabalho para a versão portuguesa do Thesaurus: Vocabulário de objetos do culto católico. Lecciona Museologia e Património arquitetónico e móvel na Universidade Católica Portuguesa e História da Arte no Instituto Superior de Línguas e Administração. É investigadora no Centro de Investigação em Património da Universidade Lusíada. Autora de Altar cristão: evolução até a Reforma Católica. Lisboa: Universidade Lusíada, 2004.

A autora dissertou sobre a temática de O Sagrado no Museu, com um recorte na musealização de objetos do culto católico em contexto português. Ela definiu museu como espaço complexo de interação dinâmica entre indivíduos, objetos, conceitos e fatos. Apresentou uma linha histórica do surgimento dos museus de objetos religiosos no ocidente, os condicionantes históricos, a tipificação dos museus, seu desenvolvimento, sua problematização, os riscos e procedimentos mitigativos dada a “*sensibilidade do objeto*” considerados religiosos. Por fim, propôs uma metodologia de estudo baseada em estratégias de pesquisas históricas, estudo de caso, um plano para a transposição para o museu de objetos religiosos e os meios para superar o desinteresse por temas religiosos na contemporaneidade. Apresentou como questão central a identificação da forma de contextualizar funcionalmente esses objetos ligados ao sagrado da religiosidade católica em Portugal.

A problematização da museologia do religioso, segundo Roque (2011), apresenta um pressuposto conceitual: a intangibilidade do Sagrado, consequentemente, a sua musealização seria inviável, daí derivaria o questionamento: “O sagrado é musealizável?” ou, seria possível apresentar o Sagrado em museu? O texto busca respostas que considere a complexa significação do religioso para o indivíduo e comunidade, mas dentro de um sistema socio-ético que minimize os riscos da inadaptabilidade dos objetos exposto na visão do proficiente, que em defesa de sua identidade religiosa, age de forma inexorável. Outro questionamento de fundo seria: dada a possibilidade de musealizar o sagrado “Como deve o sagrado ser musealizado?”. Suplantado o *Se- é-possível* chega-se ao *Como-será*, o que implica um conjunto de formas e procedimentos éticos-normativos de toda a atividade museológica relativa aos objetos religiosos.

Historicização da musealização de objetos religiosos

De acordo com a autora, foi através da arte religiosa que se possibilitou traçar a linha histórica da museologia ocidental. Desde a Idade Média, na esfera cristã, os objetos eclesiásticos representavam, de alguma forma, a atividade museológica da época, com a exposição das relíquias dos santos e alfaia. Museus com características de estudo e preservação do patrimônio apareceram pelos fins do século XVIII nas grandes capitais da Europa, fruto de condicionantes históricos, como o Iluminismo, a Revolução Francesa e na esteira do sucesso da Revolução Industrial. Surgiram da questão dicotômica entre o religioso e o laicismo, proporcionado pela constituição de estruturas mais livres das premissas da religião no campo das artes. O museu assumiu, então, “a *memória oficializada da sociedade*”, de perfil laico, receptor dos objetos de referências religiosas, dessacralizados com a perda de seu *ethos* religioso devido à sua incorporação ao “*universo civil e laico*”.

A autora segmentou em dois tipos os museus da arte religiosa: os de iniciativa e tutela eclesiástica e aqueles com coleções de religião sem essa tutela. Anteriormente, os museus de iniciativa de religiosos funcionavam como método educacional e meio de divulgação cultural, ação propagandista. Nessas iniciativas os objetos de culto permaneciam no espaço sagrado cujo propósito era evitar a perda do seu significado – seu *ethos* religioso. No caso do Catolicismo, o

patrimônio religioso quando transferido para o museu perderia sua significação de objeto sagrado, que transpassado para a história da arte ficou afastado dos estudos da religião, da teologia ou da liturgia, portanto, fez necessário a aplicação de normas e procedimentos para conservação, segurança e exposição, a fim de reapresentá-los adequadamente nos denominados museus religiosos.

Apesar da ocorrência da dessacralização dos objetos religiosos, a sua musealização constituiu uma solução eficaz e duradoura na preservação desse patrimônio inestimável frente à problemas de cunho político, mudança de gostos e de hábitos, realocação de espaços e da prática litúrgica, que atentariam contra sua existência ou dificultando o acesso aos interessados.

No caso específico de Portugal, a autora informou que foi emblemática a disponibilidade de vasto espólio de bens da atividade religiosa católica, a partir de 1834, devido a extinção das ordens religiosas e o arrolamento dos respectivos bens, compostos por quadro, escultura, ourivesaria, mobiliário e têxteis. Com a implantação da República e da lei do Estado Laico em 1911, surgiu uma nova fase da museologia com a instalação de museus regionais em edifícios desapropriados das ordens eclesiásticas, nos quais eram expostos esses acervos. A partir da última década do século XX, esta fase marcou o início da museologia da religião. Em 1990 a Igreja Católica assumiu a responsabilidade dos museus para preservar o patrimônio dos bens religiosos. Enquanto na museologia civil, de reduzida representatividade, os objetos religiosos permaneceram na condição de obra de arte.

Fatos mais atuais, referem-se aos desafios advindos do hiper laicismo da contemporaneidade, que provocou a “*crescente iliteracia*” dos temas religiosos, atingindo os museus de temática religiosa. A museologia religiosa não passou ilesa por essa crescente laicização da sociedade hodierna, caracterizada pela proliferação de fenômenos no campo religioso à margem das religiões tradicionais, tais como, a irreligiosidade, os a-religiosos, os não-participantes, provocando perda do significado de espaços, objetos, crenças e práticas que eram de conhecimento corrente. Tudo isso motivou a criação de novas formas de apresentação e de divulgação do patrimônio religioso, além do cuidado prioritário com a interiorização do objeto sagrado no museu.

A Interiorização do Objeto Sagrado no Museu

A transferência do objeto sagrado para o museu, além de tirá-lo do contexto, valorizou alguns aspectos em detrimento de outros, devido ao artificialismo do ambiente que cria outros significados que não passam despercebidos pelos profíctes. Por isso, nenhum cenário é completo, mas fragmentados pela influência dos responsáveis do momento que no dizer da autora o museu representa o passado, mas também reflete o presente. Daí a importância de ter um projeto museológico que interiorize e represente a memória do pensamento religioso e da vivência litúrgica dos objetos do culto e expresse seu significado originário de sagrado, mesmo com a perda da preponderância do pensamento religioso na vida comunitária.

A questão de fundo é como identificar a forma de contextualizar os conteúdos funcionais, semânticos e simbólicos desses objetos ligados ao sagrado, dentro de um espaço complexo de interação dinâmica entre indivíduos, objetos, conceitos e fatos, como é o museu. De acordo com a autora, a transferência de objetos rituais do espaço sagrado para o museu depende do processo de dessacralização a que foram submetidos. A entrada do objeto religioso no museu é apenas o ponto de partida para um estudo multidisciplinar, envolvendo a História da religião, a teologia e a liturgia. No caso do catolicismo, envolve também análise exegética e hermenêutica do texto bíblico para que o comentário sobre o objeto veicule o seu significado que o define como peça do sagrado do universo católico.

De forma sintética, a autora propôs um plano em três etapas para realiza a musealização do objeto com vínculo ao sagrado:

PLANO – Do Sagrado à Museologia

1ª. Noção de objeto/espaço sagrado:

- sacralização do objeto/espaço litúrgico,
- dessacralização do objeto/espaço musealizado;

2- Descontextualização do objeto/espaço sagrados através do processo de ingresso em funções museológicas;

3- Recontextualização do objeto/espaço através da museologia:

- interpretação da forma (aspectos materiais e estilísticos),
- interpretação do sentido (função litúrgica e simbólica).

Este Plano foi apresentado para responder à questão se o sagrado pode ser integrado num registro museológico e isso é confirmado na análise deste percurso diacrónico. A musealização de espaços e objetos religiosos acontece de forma inevitável e definitiva, quando for aproveitada a oportunidade concedida no processo de dessacralização logo após a desvinculação do culto desses objetos ou espaços.

A questão seguinte passa pela forma como se efetua essa musealização, que ganhos e que perdas ocorrem durante o processo. A problemática surge em torno da comunicação do registo sagrado inerente aos espaços e objetos litúrgicos ou devocionais. Uma vez que foi esclarecida a questão quanto à possibilidade de serem musealizados, importa encontrar as metodologias que mais se adequam ao seu estudo e divulgação.

Apresentação museológica de temas religiosos

A apresentação museológica de temas religiosos é bastante sensível, pode atingir os sentimentos mais profundos do seu público, o seguidor de uma determinada religião ou crença pode se sentir agredido por qualquer incorreção no manuseio e instalação de uma peça, por deficiente formulação de um conceito ou exposição errônea de suas crenças. A exposição do objeto no museu continua a evidenciar

o seu valor patrimonial e artístico, porém passa a ser referenciado no contexto do ritual, mesmo porque a museologia de religião não se rege apenas por critérios de valor patrimonial. O conjunto de peças musealizáveis não é selecionado pelas suas qualidades artísticas, mas pelo seu significado teológico, litúrgico e devocional (católico). Assim sendo, uma peça de uso comum pode interessar como objeto sagrado para o museu. Importante observar que o sagrado e o profano são mutuamente excludentes. O contacto inadvertido entre ambos por um lado pode santificar o profano, por outro profanar o sagrado.

Com base nesses pressupostos, a autora sugeriu estratégias para minimizar esse risco na exposição de objetos religiosos. Estabeleceu três fases a ser cumprida por uma equipe multidisciplinar: Descodificar, Comunicar e Reutilizar.

A Descodificação é a investigação dos espaços e objetos a musealizar, utilizando-se de duas metodologias complementares tomadas da prática historiográfica: a análepse – que intenta recuperar o significado original através da recriação do contexto anterior; e a exegese que interpreta detalhadamente a sua relação com o universo da religião a qual está inserido.

A Comunicação é o procedimento obrigatório do museu para identificar as informações advindas da etapa anterior que deverão ser transmitidas a um público específico e decidir qual melhor forma para expressá-las. Para essa etapa é imprescindível definir o modelo de interação entre o museu e o seu público. Em auxílio dessa etapa, foi firmado o Código de Ética para Museus do Conselho Internacional de Museus (ICOM)² que obriga a referir e esclarecer corretamente a dimensão religiosa do seu património e orienta que a narrativa deve ser neutra e isenta no sentido de evitar ferir a suscetibilidade do público visitante. Os restos humanos e os objetos considerados sagrados devem ser expostos de acordo com normas profissionais.

A Reutilização – consiste na adequação de espaços e objetos religiosos expostos em museus, que apesar de retirados de seu contexto e dessacralizados, estão em condições de segurança e de preservação adequadas, de tal maneira que podem de forma temporária serem reutilizados ou reinseridos na prática litúrgica, readquirindo momentaneamente suas funções e seu sentido originário.

Conclusão

A proposta da autora para museologia da religião, emancipada recentemente da museologia da arte, baseia-se em estratégias de pesquisa historiográfica e do estudo de caso, elaboradas para demonstrar o processo de evolução da musealização de objetos religiosos em contexto eclesial, sua transição para o espaço museológico, a transição de objeto de arte para valor religioso museológico; e a prática museológica assumida pela Igreja na sua ação pastoral. São boas práticas éticas e metodológicas da museografia que permite entrar no universo do sagrado, a desvendar-lhe o seu sentido religioso.

² INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Código de Ética do ICOM para museus. Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2018/07/Portuguese.pdf>. Acesso em: 07 set. 2023.

3. RELATO DO SIMPÓSIO “FRANCISCO: O SANTO, O PAPA E O PARQUE”

3.1. Programação

Grupo de Estudo Preparatório:

De março a setembro, nas quartas-feiras das 17 às 18h, online através do Ambiente Virtual da UNICAP, o Grupo de Estudo do Observatório das Religiões avançou na pesquisa das temáticas a serem trabalhadas nos GTs do Simpósio. Criou-se uma pasta virtual para compartilhamento de subsídios e também foram organizados [dias de campo](#) para enriquecer o estudo com vivências de processos de musealização religiosa na região.

Exposição Fotográfica na Biblioteca:

O Eco Parque das Religiões é um museu em movimento que vem surgindo com processos de pesquisa e debate, com uma sede que começa a ser construída mas também exposições avulsas: a Biblioteca da UNICAP já recebeu com grande sucesso a nossa mostra “[Espiritualidade em Imagens](#)”, reunindo santos das religiosidades mais antigas da humanidade. Agora, por ocasião do Simpósio que apresenta os passos do projeto para a sociedade, o hall da Biblioteca da Universidade recebeu, de 9 a 14 de outubro, com curadoria de Renata Victor, a exposição “Novos Entrelugares de Catolicismo e Paganismo”: fotos de Janine Henriques, ex-aluna da UNICAP e colaboradora do seu Observatório das Religiões, que mora na Irlanda e captou os (des)encontros da religiosidade cristã com ressurgimentos dos paganismos. Um estudo de religiões comparadas, como vai se desenvolver e amplificar no museu da gente.

Dia 10 de Outubro (terça) no [Convento](#):

16h – **Visita guiada** ao sítio do Parque no Convento de Olinda, com Frei César Serafim.

17h – Acolhida dos participantes do Simpósio no claustro e **vídeo contextualizando** os 800 anos da Regra dos Franciscanos, os 80 anos da Universidade Católica de Pernambuco e os 10 anos do Papa Francisco, por Luca Pacheco.

17h30 – **Sarau “Cânticos sagrados dos povos”**, com Silvério Pessoa e Percy Marques (participação de Mãe Elza de Yemojá e Luca Teixeira na reverência aos orixás).

Dia 11 de Outubro (quarta) na [UNICAP](#):

8h – Anfiteatro do 3º andar do Bloco G4: **Boas vindas** pelo Pe. Pedro Rubens, M. Reitor da Universidade Católica de Pernambuco; Frei César Serafim, Guardião do Convento de São Francisco de Olinda e Coordenador do Serviço de Justiça, Paz e

Integridade da Criação da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil; e pela Sra. Cida Pedrosa, Advogada especialista em Direitos Humanos, Poeta e Vereadora do Recife.

8h30 – Anfiteatro do 3º andar do Bloco G4: **Apresentação do “Projeto Eco Parque das Religiões”** pelo Dr. Sérgio Ferreira, Diretor-Presidente do Instituto Museu Parque das Religiões.

9h – Antessala: Café e conversação.

9h30 – Anfiteatro do 3º andar do Bloco G4: Depoimento do monge Marcelo Barros e **Mesas sobre o “Projeto Eco Parque das Religiões”**:

- Conceito arquitetônico do museu: Andréa Storch, Vera Freire e Hugo Bressani (Arq.Urb.UNICAP).
- Pistas para um museu tropical das religiões: Henrique Cruz (FUNDAJ), Lúcia Ramos (MUAFRO) e Renato Athias (UFPE).

13h30 – Biblioteca: **Visita guiada à exposição “Novos Entrelugares de Catolicismo e Paganismo”**, com Janine Henriques (online) e Renata Victor.

14h – **Grupos de Trabalho** simultâneos sobre as **“Temáticas a serem desenvolvidas nas Exposições do Museu”**: discussão sobre objetos virtuais e pedagógicos que possam apresentar os temas no museu...

- Sala 307 do Bloco G4, com Gilbraz Aragão: **tempos e locais**.
- Sala 305 do Bloco G4, com Luís Lira Neto: **vida, morte e além**.
- Sala 303 do Bloco G4, com Mailson Cabral: **diálogos e conflitos**.

16h – Antessala do Anfiteatro: Encerramento com **Dança Sagrada**, guiada por Gustavo Albuquerque.

3.2. Comissões de trabalho

Comitê de Honra:

- Frei César Lindemberg Serafim, OFM, Guardião do Convento de São Francisco de Olinda e Coordenador do Serviço de Justiça, Paz e Integridade da Criação da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil
- Pe. Pedro Rubens Ferreira Oliveira, S.J., Dr. em Teologia, Reitor da Universidade Católica de Pernambuco
- Sérgio Gonçalves Ferreira, Dr. em Psicologia, Diretor Presidente do Parque das Religiões

Comitê Científico da UNICAP:

- Gilbraz Aragão, Dr. em Teologia, professor do PPGTEO e PPGCR-UNICAP, onde coordena o Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife
- José Afonso Chaves, Dr. em Sociologia, professor e coordenador do PPGCR-UNICAP
- José Artur Tavares de Brito, Dr. em Ciências da Religião, professor da UNICAP
- Leonardo da Silva Chaves, Dr. em Ethnobiologia e Conservação da Natureza, assessor do Museu de Arqueologia e Ciências Naturais da UNICAP
- Luís Carlos de Lima Pacheco, Dr. em Ciências da Religião, coordenador da Licenciatura CR e do eixo diálogo inter-religioso da Clínica Interdisciplinar de Direitos Humanos UNICAP
- Luiz Carlos Luz Marques, Dr. em História das Religiões, professor do PPGCR-UNICAP
- Mailson Fernandes Cabral de Souza, Dr. em Ciências da Religião UNICAP
- Riccardo Burigana, Dr. em História, diretor do Centro de Estudos Ecumênicos da Itália, professor visitante do PPGCR-UNICAP
- Rebecka Borges da Nóbrega Chaves, museóloga do Museu de Arqueologia e Ciências Naturais da UNICAP
- Roberta Richard Pinto, Dra. em Ciências Biológicas, coordenadora do Museu de Arqueologia e Ciências Naturais da UNICAP
- Silvério Leal Pessoa, Dr. em Ciências da Religião, professor do PPGCR-UNICAP
- Valdenice José Raimundo, Dra. em Serviço Social, professora do PPGCR e Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação da UNICAP

Comitê Consultivo da Sociedade:

- Ana Luíza Ferreira, Dra. em Ciência Política, secretária de Meio Ambiente de Pernambuco
- Cida Pedrosa, advogada especialista em Direitos Humanos, poeta e vereadora do Recife
- Constantino Jose Bezerra de Melo, Dr. em Ciências da Religião, professor na Secretaria de Educação PE
- Emanuela Sousa Ribeiro, Dra. em História, professora de Museologia e Gestão Pública na UFPE e da Pós-graduação em História na UFRPE
- Faustino dos Santos, Me. em Teologia, frade e animador do diálogo inter-religioso na Província Franciscana do Nordeste

- Flóridalva Paiva Dias de Sá Cavalcanti, facilitadora em Cultura de Paz no Centro Budista, membro do Fórum Diálogos
- Francilaide de Queiroz Ronsi, Dra. em Teologia, coordenação do PPGTeo-PUCRio e do Grupo de Pesquisa Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo (CNPQ)
- Iron Mendes de Araújo Júnior, Me. em Ciências da Religião, equipe educativa do Museu de Arte Sacra PE
- Joanildo Albuquerque Burity, Dr. em Ciência Política, pesquisador da FUNDAJ
- Marcelo Barros, Dr. h.c. em Ciências das Religiões UFPB, monge e animador de movimentos populares e ecumênicos
- Westei Conde y Martin Junior, Me. em Direito, promotor do MPPE e membro fundador do Fórum Diálogos

3.3. Crônica dos eventos

Aconteceu nos dias 10 e 11 de outubro, nas cidades de Olinda e Recife, o Simpósio "Francisco, o Santo, o Papa e o Parque: Jesuítas e Franciscanos na promoção de ecumenismo e da ecologia no Eco Parque das Religiões".

O evento abriu cinquenta vagas e teve a participação de trinta e sete inscritos e vinte e dois convidados. Estabeleceu, como objetivo, ampliar o debate sobre as temáticas transversais das religiões e religiosidades que devem inspirar a produção de objetos "virtuais" nas exposições do Eco Parque das Religiões, a fim de promover o ecumenismo, a ecologia e o diálogo inter-religioso e intercultural.

A programação foi organizada em dois dias.

Dia 10 de outubro – Abertura do evento, no Convento de São Francisco em Olinda/PE, local que receberá o Eco Parque das Religiões.

Na ocasião houve um momento de acolhida e boas-vindas realizada pelo Frei César, visita ao sítio de 3 hectares onde será construído o Eco Parque das Religiões, exibição de vídeo institucional, coffe break e um sarau que contou com a presença do cantor e compositor Silvério Pessoa, Percy Marques, Luca Texeira e Mãe Elza de Yemonjá.

Dia 11 de outubro – Continuação no evento, realizado no Bloco G4 da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Os mestres de cerimônia, Thaís Chianca e Gustavo Albuquerque, acolheram os participantes, fizeram memórias do dia anterior e lembraram a programação do dia atual. Após esse momento de acolhida, a primeira mesa foi composta com a participação do Reitor da Universidade, o Padre Pedro Rubens, da vereadora, poetisa e advogada Cida Pedrosa, do guardião do Convento de São Francisco, Frei César Serafim e do diretor do Eco Parque das Religiões Sérgio Ferreira.

O Padre Pedro Rubens falou do Eco Parque das Religiões, sonho de Dom Helder Câmara e sua equipe, que será realizado graças a uma parceria entre Franciscanos e Jesuítas, em colaboração ao projeto de pessoas que acreditaram e abraçaram esse sonho educativo. O reitor ressaltou a importância da construção do primeiro Parque das Religiões no Brasil, no ano em que os franciscanos comemoram os 800 anos de sua primeira constituição e da criação artística e pedagógica do presépio, e a Universidade Católica de Pernambuco comemora seus 80 anos de existência. É preciso conhecer, conviver e respeitar todas as religiões, afirmou o padre, que falou da preocupação com as mudanças climáticas e a da promoção da ecologia na exortação apostólica *Laudate Deum*, do Papa Francisco.

A vereadora Cida Pedrosa, em sua fala, ressaltou a importância do Eco Parque das Religiões como local de encontro humano e preservação ambiental, além da educação para as espiritualidades. Relembrou a mística de São Francisco de Assis e a sua influência na sua vida pessoal. A vereadora fez menção ao seu projeto de lei que institui o Dia da Ecologia Integral, a ser celebrado no dia 4 de outubro.

Frei César falou da realização de um sonho grande frente à tímida missão dos franciscanos na promoção de uma ecologia integral, que ecoe nos corações de todos e todas. O frei ressaltou a importância de servir fazendo parte da criação e ter esperança na construção de uma comunidade que respeite as diferenças e potencialize a experiência religiosa comum a todas as tradições.

A mesa foi desfeita com a apresentação do projeto do Eco Parque das Religiões feita pelo diretor do Parque, Sérgio Ferreira. O diretor comemorou a aprovação com louvor do projeto pelo IPHAN e ressaltou a importância da ciência com a colaboração do potencial humanizante das religiões. A relação do Parque com o Fórum Diálogos da Diversidade Religiosa em Pernambuco apareceu na fala de Sérgio, lembrando da participação dos integrantes do Fórum (ali representados por Gilbraz Aragão, Emilia Kohlman e Sandro Câmara) nos Conselhos do Eco Parque.

Na ocasião foi apresentado o local onde será construído o museu e foram explicados os Conselhos de Gestão, Científico e Consultivo do Eco Parque. O Conselho de Gestão é atualmente composto por Sérgio Gonçalves Ferreira, Luiz Alberto Teixeira, Pedro Pereira Cavalcante Filho, Gilbraz de Souza Aragão, Emilia Rahnemay Kohlman Rabbani e Verônica Vasconcelos de Lima. Sérgio terminou sua fala lembrando Frei Tito, um dos idealizadores do Parque, e o Movimento de Cursilhos, do qual o Frei fazia parte.

Uma pausa para o café foi feita e na volta foi exibida uma mensagem do padre Marcelo Barros, que fez questão de falar da importância do Parque das Religiões como espaço de experiência religiosa, caminhada e espiritualidade. O padre citou a nova exortação apostólica do Papa Francisco, a necessidade da escuta e acolhida das espiritualidades dos povos originários, afro-indígenas, a importância do Fórum Diálogos da Diversidade Religiosa em Pernambuco, a conexão de uns com os outros e com a Mãe Terra.

No decorrer da manhã foram formadas duas mesas temáticas.

A primeira mesa trouxe os conceitos arquitetônicos do museu, com a participação de professoras e aluno do curso de Arquitetura e Urbanismo: Andrea Storch, Vera Feire e Hugo Bressani.

Foram apresentados o projeto arquitetônico do Eco Parque das Religiões, o levantamento fotográfico, a leitura topográfica e a identificação dos bens tombados pelo Patrimônio Histórico. O Eco Parque terá sua ocupação em 4.8% do terreno, em edificações suspensas da vegetação, com espaços receptivos, educativos, administrativo, expositivos e um anfiteatro. As arquitetas falaram do Eco Parque como zona de proteção cultural e um espaço a ser compartilhado com a comunidade. O local contará com um percurso natural, contemplativo e educativo, serviços de segurança e estacionamento.

Após a exposição do projeto foi realizado um momento de interação, perguntas e respostas, onde os participantes tiveram a oportunidade de sanar suas dúvidas quanto ao local de entrada, tipo de material que será utilizado na construção dos edifícios e passarelas, a intervenção e preservação do meio ambiente, capacidade de público, carga e tipo de terreno do Eco Parque das Religiões.

Sanadas as dúvidas dos participantes, a segunda mesa foi formada com a participação de Henrique Cruz, da FUNDAJ, Lúcia Ramos, da MUAFRO e Renato Athias, da UFPE.

A segunda mesa trouxe pistas para um museu tropical das religiões. Na promoção dessa mesa, os palestrantes apresentaram questionamentos falando da importância de um museólogo na construção do Eco Parque das Religiões, além da observação das legislações vigentes. Nesse sentido foram destacados os [Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos](#) do IBRAM e a [Legislação sobre Museus](#) da Câmara dos Deputados.

O trabalho colaborativo de curadoria, catalogação e preservação, devem ser realizados em consonância com representantes das religiões. Alguns pontos precisam ser levados em consideração como a decolonialidade, a importância de ouvir o outro, nativo da religiosidade apresentada, que também precisa ter voz nesse espaço de diversidade. Levantou-se também a questão do combate à intolerância, até que ponto a promoção do respeito à diversidade espiritual, bem como à laicidade do Estado, entra no projeto.

Foi sugerido um setor com plantas sagradas no entorno do Eco Parque e uma atenção especial à musealização do sagrado, através de objetos e ritos bem contextualizados. Ressaltou-se a importância do trabalho inserido no social, na promoção das pessoas no entorno do Parque. Foi destacada também a gestão compartilhada com os povos originários e importância de como esses povos gostariam de ser representados.

O desafio de como colocar a religião, a religiosidade, o sagrado, como patrimônio humano e cultural foi uma das questões abordadas: perceber as interpretações múltiplas e profundas das experiências e expressões religiosas, materializar vivências em objetos e instalações artísticas respeitadas mas também críticas, promovendo o diálogo inter-religioso e entre convicções.

Após explanação dos palestrantes, uma roda de conversa foi iniciada, com destaque para alguns pontos: participação popular, combinação de sabedorias tradicionais com estudos científicos e históricos, representação dos povos originários, indígenas, negros e ciganos, preservar memórias e provocar significados mais profundos do que se conhece como religião e tradições espirituais.

Após o intervalo do almoço, os participantes puderam apreciar a exposição fotográfica realizada na Biblioteca da UNICAP, com a curadoria de Renata Victor, "Novos Entrelugares de Catolicismo e Paganismo: uma cartografia da religiosidade na Irlanda". Um momento de interação foi realizado via Teams com a fotógrafa Janine Henriques.

No decorrer da tarde, três grupos de trabalho foram realizados com temáticas a serem desenvolvidas nas exposições do Museu: o relatório dos GTs será desenvolvido no próximo ponto. O Simpósio terminou com a participação de todos e todas numa grande roda de Dança da Paz Universal.

4. PROSPECÇÕES EM HISTÓRIA DAS RELIGIÕES PARA A EXPOGRAFIA DO MUSEU

Começamos a terceira parte do nosso relatório sugerindo visitas virtuais aos principais museus sobre religiões pelo mundo...

- Fowler Museum: <https://fowler.ucla.edu/>
- Giardino delle religioni, Bolzano: <https://www.gdr.bz.it/italiano/>
- Le Musée des Religions du Monde in Nicolet, Québec: <https://www.museedescultures.com/>
- Museo dell Religioni "Raffele Pettazoni", Velletri (in corso di realizzazione): https://www.facebook.com/groups/museodellereligioni/?locale=it_IT
- Museo Interreligioso, Bertinoro: <https://www.museointerreligioso.it/>
- Museum Catharijneconvent: <https://www.catharijneconvent.nl/>
- Museum of World Religions in Taipei, Taiwan: https://www.mwr.org.tw/mwr_en/xcpmtexhi?xsmsid=01052391577771211747
- Religionskundliche Sammlung in Marburg, Germany: <https://www.uni-marburg.de/en/relsamm>
- St. Mungo Museum of Religious Life and Art in Glasgow, Scotland: <https://www.glasgowlife.org.uk/museums/venues/st-mungo-museum-of-religious-life-and-art>
- State Museum of the History of Religions in St. Petersburg, Russia: <http://gmir.ru/eng/>
- The Rubim: <https://rubinmuseum.org/>

Em seguida, a partir de leituras em história e teologia comparadas das religiões, buscamos resenhar traços comuns e aplicáveis ao nosso projeto, bem como destacar linhas superadas pela museologia do sagrado contemporânea, a fim de ir criando um diferencial para o nosso Eco Parque das Religiões. Imaginamos que o nosso museu deve se projetar como um museu do futuro, tanto porque deve combinar (como defende Roque para os [Museus de Nova Geração](#)) exposições narrativas, sistemáticas e cenográficas, baseadas em suportes digitais e gameificados; como também porque deve considerar (como problematiza Nestor em [Religião como objeto de ciência](#)) os vários sentidos e histórias da experiência religiosa e (como explica Mailson nos [Embates epistemológicos em Ciência da Religião](#)) as controvérsias em torno dos objetos, tempos e espaços sagrados. Trata-se de desenvolver uma visão complexa sobre os fatos religiosos e não uma leitura linear e colonial da história da religião, de buscar contextualização e administrar os diversos níveis de interpretação dos fenômenos, de aprofundar uma lógica ternária e inclusiva de atenção para os entrelugares ou interstícios da religiosidade humana.

Imaginamos que o Eco Parque das Religiões deve organizar exposições permanentes bem digitais, mas também se constituir como espaço de oficinas com materiais das culturas locais sobre as religiosidades regionais e populares. Deve ser um local para apresentar exposições museológicas, mas um lugar para desenvolver cursos de promotores do diálogo, um espaço para promover estudos e pesquisas em história e teologia comparadas das religiões, uma escola para estágios e produção de conhecimento sobre a museologia do sagrado.

O nosso museu é vocacionado a ser um polo de articulação de visitas guiadas a centros espirituais no Grande Recife e no entorno: o museu pode ser uma iniciação panorâmica que dá origem a visitas a pé ou em vans para diferentes roteiros da fé, em combinação com os templos e terreiros das nossas principais manifestações espirituais, seguindo um calendário regionalizado das religiões.

Além disso, devemos manter a abordagem educativa sobre as religiões, rompendo com um comparatismo ideológico ou proselitista e favorecendo o diálogo entre múltiplas construções de sentido sobre os objetos religiosos, buscando sempre o aprofundamento crítico das controvérsias sobre significados das espiritualidades. Nessa tarefa de ampliação de sentidos e significados, devemos lembrar que a educação sobre a religiosidade passa pelos nossos cinco sentidos:

- O OLHAR: a visão aguça os sentidos. A visão de Ritos, Símbolos, Oferendas, Objetos Sagrados ...
- O OUVIR: o som internaliza os sentidos. O som das melodias religiosas, dos cantos e cânticos ...
- O OLFATO: o aroma inebria os sentidos. O cheiro do incenso, das ervas e defumadores ...
- O PALADAR: o sabor partilha os sentidos. O gosto das comidas santas, das bebidas, dos chás ...
- O TATO: o sentir realiza os sentidos. O tocar das coisas santas, vestimentas, relíquias, pedras sagradas ...

Então, nossa apresentação de objetos e personagens, tempos e espaços sagrados, deve partir dos sentidos físicos para sentir o transcendental, e deste para a realidade física, agora tocada de encantamentos. No desenvolvimento da curadoria do nosso museu, precisamos lembrar que não estamos apresentando coisas profanas nem divinas, mas objetos sagrados, que são considerados em suas culturas como portais para a relação de transcendência entre humano e divino. A religião se estrutura formalmente em mitos/ritos/interditos/ministros, conforme as matrizes originárias, orientais, do leste asiático, proféticas e, também, em novos movimentos espirituais. Mas, em todos os casos, a religiosidade é atravessada por uma experiência de sagrado.

A temática do sagrado é tão importante quanto polêmica nos estudos de religião. Sagrado é todo objeto ou pessoa, tempo ou espaço, que ganha caráter simbólico e abre um portal para a experiência do divino, da transcendência, da santidade. Quem se inicia nos estudos de religião pode encontrar títulos sugestivos

como [Mircea Eliade e a busca do sagrado](#), [Deixar-se tocar pelo sagrado](#) ou [O sagrado na história religiosa da humanidade](#). Em nossas pesquisas sobre transdisciplinaridade e diálogo, Luiz Eduardo Berni escreveu sobre [O vortex sagrado-profano](#), e o próprio Basarab Nicolescu tratou de [Le tiers et le sacré](#), além de organizar um livro sobre [Le sacré aujourd'hui](#). Tem uma turma francesa que anda revisitando o conceito de sagrado para aplicá-lo, qual substância aglutinante e reveladora, em novas compreensões dos fenômenos religiosos.

Camille Tarot escreveu um livro de 900 páginas, [Le symbolique et le sacré](#), théories de la religion (La Découverte, 2008; veja [aqui](#) sumário e prefácio), onde confronta oito dos principais autores franceses que se dividiram em duas correntes na interpretação mais subjetiva/simbólica ou mais coletiva/sacralizadora da religiosidade humana. Mas há toda uma tradição francesa de perspectiva universalista na consideração (de uma essência fenomenológica) das experiências religiosas: Roger Caillois. *L'homme et le sacré*, réédition: Gallimard, 1990; Jacques Ellul. *Les nouveaux possédés*, réédition: Les Mille et une nuits, 2003; Albert Assaraf. *Le sacré, une force quantifiable?* Médium, no 7, 2006; Fernand Schwarz. *Le sacré camouflé*: Éd. Cabedita, 2014; e o próprio Jean-Jacques Wunenburger. [Le sacré](#): Presses Universitaires de France, 2019 (oitava edição!). Há também um livro interessante de Hans Joas, que combina filosofia e sociologia em sua análise: *Les pouvoirs du sacré, une alternative au récit du désenchantement* (Seuil, 2020).

Já a tradição alemã na área, mais contextualista, tem certas reservas com o conceito de sagrado e a sua fenomenologia, como explica o nosso Frank Usarski neste [vídeo](#) e também se pode ver nestes artigos: [Os enganos sobre o sagrado](#); [As ciências da religião numa perspectiva intercultural](#); e na resenha [O sagrado como problema](#). Talvez essas disputas entre os estudos de religião mais explicativos ou mais interpretativos, envolvendo a questão da pertinência e sentido de sagrado, escondam uma discussão mais antiga, via Escola de Chicago, entre [Mircea Eliade e Joaquim Wach](#), na formação do nosso campo de estudos e pesquisas.

Conscientes dessa tensão teórica na re-construção dos objetos sagrados no museu, vamos começar a pensar nas suas temáticas. Como o Eco Parque das Religiões prevê três pavilhões de exposições, agrupamos assim os temas de história e teologia comparadas das religiões, oferecendo algumas sugestões de objetos conceituais para inspirar a curadoria na constituição das suas apresentações...

4.1. TEMPOS E LOCAIS

Tempos e locais: linha do tempo e desenvolvimento histórico das tradições; distribuição geográfica dos fiéis e geopolítica; árvore das religiões; matrizes religiosas indígenas, indianas, do leste asiático e ocidentais; espiritualidades pós e não religiosas; **personagens divinos e palavras inspiradas:** os grandes vultos das religiões e as palavras inspiradas; dosséis das divindades e seus representantes,

xamãs, médiuns, monges, profetas, sacerdotes, pastores; tradições orais e textos sagrados; revelação e interpretações; **espaços, calendários e rituais**: imagens, objetos e lugares santos; ritos, festivais e tempos sagrados; orações e canções, danças e meditações; santuários e peregrinações; símbolos e hermenêutica.

- uma árvore das religiões: https://000024.org/religions_tree/religions_tree_8.html
- algum mapa animado das religiões: <https://youtu.be/AvFl6UBZLv4>
- alguma história das ideias espirituais: <https://youtu.be/ge071m9bGeY>
- estatísticas atualizadas das religiões: como em <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/lpsos%20Global%20Advisor%20-%20Religion%202023%20Report%20-%2026%20countries.pdf>; ou em <https://www.pewresearch.org/religion/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>
- totens com testemunhos de experiências religiosas das pessoas de várias tradições espirituais, tipo <https://youtu.be/ZJ3clmzjNps?t=3970> ou <https://youtu.be/nprKidFDNd0>
- painel de fundadores das tradições espirituais e galeria de divindades e dosséis sagrados, como em https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_religions_and_spiritual_traditions ou <https://www.patheos.com/library>
- imagens de fundadores ou deidades das religiões diferentes, com um “filminho” mostrando “o que eles conversam à noite no museu”, como insinuado no quadrinho <https://www.amazon.com.br/MUSEU-graphic-novel-%C3%BAnico-Chabout%C3%A9/dp/6554480129> ou na animação <https://estudosdereligiao.blogspot.com/2013/09/jesus-e-buda-no-japao.html>
- coleção de narrativas e textos sagrados: como apresentados em <https://www.bl.uk/sacred-texts>
- as várias camadas de interpretação das inspirações espirituais: em forma de enciclopédias como os verbetes em <https://inters.org/> ou

apresentando casos das disputas entre ciência e fé como em <https://youtu.be/0CLszHjoOcw>

- espaços sagrados: já temos algumas leituras sobre arquitetura sagrada (<https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid0j2GoW9i1F3sD9gQTiD2QWAwcMLrPBa7LP59FDXJv1tVbXC133QK2Kf63yzoyY3ril>), mas como transformar essas informações em objetos?
- tempos sagrados: a gente já andou pesquisando sobre calendários (https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=1154, <https://www.calendrier-des-religions.ch/home.php>), mas como mostrá-los agora no museu?
- ritos sagrados: há muitos estudos sobre os rituais religiosos (<https://www.hibridos.cc/po/rituals/>, <https://estudosdereligiao.blogspot.com/2019/06/cultura-rito-e-inculturacao.html>), mas vamos mostrar em filminhos? criar espaços para vivências?

As ideias desenvolvidas para o Eco Parque das religiões estão separadas em sete eixos temáticos de religiões comparadas. No GT foram abordados os três primeiros blocos: templos e locais, personagens divinos e palavras inspiradas, e, por último, espaços, calendário e rituais. A partir desses eixos, pretende-se fazer uma introdução ao mundo das religiões no museu, apresentando o desenvolvimento histórico das tradições espirituais, como elas surgem histórica e geograficamente, como se desenvolvem, evoluem e involuem. As matrizes, os principais troncos da árvore das religiões. Depois, abordar os personagens, quem se inspira nessas pessoas sagradas, as divindades e seus representantes, os profetas e os sacerdotes. Toda religião tem um texto, escrito ou oral, contando os encontros entre o humano e o divino e isso é transmitido em espaços litúrgicos, lugares santos. A primeira das futuras salas expositivas vai tratar dessas temáticas.

Lembramos que o estudo sobre história e teologia comparada das religiões no Brasil não tem sido feito com tanta frequência. Sendo assim, o Parque é um local de recuperação desse estudo. Pretende-se que o Parque não seja apenas um local para exposições, mas para pesquisas e produção dessa linha de abordagem comparada dos fatos religiosos. Foi feita a indicação de alguns livros sobre a temática: *New Patterns for Comparative Religion*- William E. Paden; *Meaning and Method in Comparative Theology*- Catherine Cornille ; *História das Religiões Mundiais*- David S. Noss, Blake R. Grangaard; *Introdução ao Estudo Comparado das Religiões*- Aldo Natale Terrin.

Foi exibido um vídeo do museu de religião de Taiwan (https://www.mwr.org.tw/mwr_en). A maioria dos estudos de museologia do sagrado feitos até o momento visaram criticar os limites dos museus de religiões. O Museum of World Religions é apontado como um dos melhores, pois os outros mais

antigos recebem muitas críticas por parte dos profissionais de museologia como sendo etnocêntricos, comparatistas e evolucionistas, descontextualizados e sem participação dos praticantes das religiões representadas. Um aspecto interessante nesse museu de Taiwan é a combinação de objetos físicos com objetos digitais, baseando-se no estudo comparado das religiões. Pelos participantes do Grupo foi ressaltada a possibilidade de uso de projeções hologramáticas e impressoras digitais, que podem auxiliar em maquetes e representações de templos sagrados.

Foi relatada a pretensa criação de uma escola no museu, com estudantes de ciências da religião, antropologia e história de diversos programas da região, desenvolvimento de cursos e patrocínio de pesquisas na linha da história e da teologia comparada das religiões.

Um exemplo prático de objeto “virtual” para a temática do GT foi o diagrama da árvore das religiões (<https://images.app.goo.gl/qYhp4DGPztKVPQbP8>). Deu-se a ideia de ter uma árvore como essa onde o visitante pudesse clicar em um desses troncos principais, e através de uma animação tivesse uma mostra desses desdobramentos, ampliados, para estabelecer uma interação com o visitante. Também foi dada a ideia de um sistema de classificação que consistiria em religiões noturnas e religiões diurnas. Foi citado Eliade e o Tratado das religiões, partindo dos símbolos, dos arquétipos mais relevantes nas religiões. Fazer uma comparação histórico- social desses símbolos.

Foi sugerida uma parede com grandes marcos, com os surgimentos de determinadas cosmogonias e de determinadas religiões do ponto de vista social. Também foi sugerido um SAC para os visitantes em caso de necessidade de representação de alguma outra religião que não tenha sido apresentada nesta linha do tempo.

Foi proposto que a linha do tempo fosse feita a partir da antropologia cultural, reconhecendo as particularidades de cada religião. Também foi proposto que o ambiente das exposições deixasse os visitantes livres, sem o intuito de fazer uma catequese, para que eles mesmos fizessem suas reflexões e conclusões.

Ainda sobre a árvore das religiões, foi colocado que ela seria o ideal em detrimento à linha do tempo, pois ela é mais orgânica e combina com a proposta do Eco Parque, e é um elemento simbólico que está presente em todas as religiões. Começando com a árvore, já remeteria ao universo da natureza, conversando com o espaço do Parque. Através desse símbolo seria contada a história de modo complexo, com os troncos que foram se formando e entrecruzando. A árvore poderia ser algo tridimensional, um artefato digital, onde o visitante tivesse a possibilidade de escolher um dos troncos e ver onde eles se desenvolvem.

Foi apresentado o questionamento: qual o grande ponto de encontro das religiões? Foram apontados como ponto de encontro das religiões: a justiça e a paz, e os quatro elementos da criação: água, terra, fogo e ar.

Propostas de atividades do Parque: fazer ligações com espaços religiosos e organizar passeios em templos, intervenções pedagógicas; trazer manifestações

artísticas, grupos para se apresentarem no anfiteatro, para proporcionar um diálogo pedagógico transreligioso.

Foi salientado que estamos procurando diferenças entre as religiões, mas sobretudo confluências. E a maior confluência foi colocada como a forma de ver a morte e além. Toda religião ou conjunto de crenças terá uma concepção da morte, o sentido que o além da morte pode ter: junto aos antepassados, passando pela reencarnação, visando a ressurreição ou a imortalidade do transhumanismo, ou ainda o mergulho no nada. Foi sugerido que as religiões mais questionadas fossem tratadas de uma forma especial, afinando as narrativas e aprofundando criticamente as camadas de interpretação.

Foi refletida a questão da possibilidade ou não de realização de eventos litúrgicos nas dependências do Eco Parque, como casamentos inter-religiosos, rituais e outras festividades. Essa questão deve ser pensada com cuidado, para não transformar o espaço em um templo.

Foi sugerido a realização de vivências de expressões culturais e artísticas das tradições religiosas. Sendo assim, o aspecto cultural seria mais vinculado nesses momentos, do que a liturgia propriamente dita. Pois, se chegar ao ponto de que o espaço seja mais procurado para realização de festividades e casamentos, perde o sentido do Parque. Se for permitido algum ritual religioso, todos os outros terão que ser aceitos também, podendo causar algumas dificuldades em relação ao público. O que permitir e não permitir no espaço?

Foi sugerido um site com conteúdos e cursos, onde pessoas de diversas religiões fossem convidadas para explicar seus ritos e rituais. Pois o que mais atrai as pessoas são os ritos e rituais, mas presenciar o rito em si talvez demande um maior esforço. O projeto poderia ter um braço online forte e o nome consolidado, evitando o uso do espaço para coisas que não sejam as educativas e reflexivas.

Foi mencionado o diálogo com a câmara técnica do turismo da EMPETUR, e a ampliação do calendário religioso de Pernambuco: o Parque pode ser ponto de partida para visitas aos centros espirituais da região.

Foi sugerido a limitação do público por grupos com 30 pessoas, por exemplo. E as visitas sendo feitas por sessões, assim ajudaria a ter um maior controle do que pode ocorrer.

Haverá uma pequena passagem do Parque para o convento, facilitando o uso eventual de alguns espaços para a promoção de conversas e encontros, cursos de mística comparada, história e teologia comparadas das religiões. Foi ressaltado que devemos evitar que as pessoas pensem que o espaço do Parque é um espaço religioso, pois ele pretende ser um espaço de estudo sobre as religiões.

Foi sugerida a elaboração do plano museológico do Parque, que auxiliará em diretrizes sobre o seu funcionamento, como agir em determinadas situações, reforçar a missão do Parque etc. Estamos avançando no projeto, e através desses GTs temáticos serão coletadas ideias de objetos que possam depois se materializar, ainda que alguns digitalmente, para representarem cada tema.

Precisamos ser criativos, usando elementos imersivos como cheiros, imagens e filmes, músicas e mantras das religiosidades.

A questão das comidas sagradas também foi citada: sugeriu-se que os alimentos sagrados pudessem ser degustados em espaços ou momentos do Museu. Contudo, tem que haver uma diferenciação entre os alimentos sagrados e o que vai ser comercializado no café do museu. Essa questão deve ser pensada com cuidado. Foi apontada uma abordagem mais cultural sobre os alimentos. Foi sugerido almoços ou jantares temáticos, onde as pessoas da própria religião pudessem servir, dando uma explicação sobre a importância daquele alimento. Sentir o gosto, mas sem profanar.

4.2. VIDA, MORTE E ALÉM

Vida, morte e além: as religiões, o mistério e a mística da vida agora, antes e depois desta existência; ancestralidade, reencarnação, ressurreição, negação e amortalidade; **política, vida comunitária e ética:** interditos religiosos e sacrifícios; comida, habitação e costumes; sexo, gênero e religiosidade; ética e política, dinheiro e poder nas tradições de sabedoria e espiritualidade.

- criar experiências em terceira dimensão, para levar o visitante a passear dentro dos rituais funerários das várias tradições, como apresentados no clássico: <https://www.amazon.fr/mort-limmortalit%C3%A9-Encyclop%C3%A9die-savoirs-croyances/dp/2227471344>
- importa salientar o bem viver: <https://iserassessoria.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Alberto-Acosta-Livro-O-Bem-Viver.pdf>
- apresentar pesquisas sobre o tema da morte e além: Rainbow Body and Resurrection: <https://www.amazon.com.br/Rainbow-Body-Resurrection-Attainment-Dissolution/dp/1583947957>; Where Reincarnation and Bioblogy Intersect: <https://www.amazon.com.br/Where-Reincarnation-Biology-Intersect-Stevenson/dp/027595188X>
- criar documentários baseados na literatura sobre o cuidado com quem está morrendo: <https://www.amazon.com.br/Sobre-morte-morrer-enfermeiras-relogiosos-ebook/dp/B0716J67YB/> ; http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/NUANCES_DO_ACONSELHAMENTO_PASTORAL_HOSPITALAR.pdf
- aproveitar livros/filmes sobre a morte para crianças: <https://youtu.be/uD7Ld1Gifn8>; <https://www.amazon.com.br/Medo-Sementinha-Rubem-Alves/dp/8534905851>

- verificar exposições em Museus sobre morte:
<https://www.expedia.com.br/Museu-Nacional-Da-Morte-Zona-Centro.d6269104.Guia-de-Viagem;>
<http://franz7.blogspot.com/2011/04/museu-da-morte-palermo-italia.html>
- fazer colagens de cenas de Filmes sobre morte:
<https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid0dxj1E5mpaaSDr4C9cPDbvkmrrsb1iso4tgXSxZ3veyDTLqB9qerVfPXfFHYXPGRhl;>
[https://www.adorocinema.com/filmes/filme-142464/;](https://www.adorocinema.com/filmes/filme-142464/)
<https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid0qGro7iDnDwNZP6d2LCpJKeqmmCSbjXXZxTXqUjVyBqvHRNFzoAQcSXr9wVGuGCNI;>
<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-188067/>
- mostrar a regra de ouro ética das religiões e os acordos inter-religiosos em favor da fraternidade humana e o cuidado com a casa comum
 (https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=3762) mas que às vezes também a economia política usa o religioso e se torna religião
 (<https://estudosdereligiao.blogspot.com/2013/10/economia-como-religiao.html>; <https://www.youtube.com/watch?v=RdA7YtpDU4>)
- mostrar que a religião é um jeito de estar no mundo, organizando as vivências cotidianas (Food, Sex and Strangers:
<https://www.amazon.com.br/Food-Sex-Strangers-Understanding-Religion/dp/1844656934>; Sexo e religião: <https://www.amazon.com.br/Sexo-religi%C3%A3o-virgens-sagrado-homossexual-ebook/dp/B00KGZAYZA/>) mas que por vezes a religião é responsável por abusos afetivos e sexuais
 (documentários: Pray away, no caminho da cura;
<https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid02A1QUshU4xWUQ1b3UCxhm6HJShYw1sj38o8N2W9jTtJv2rwBwDztzxDabAyhgdWil>)
- situar o tema através dos tempos, mas focar no contexto atual, mostrar as definições oficiais mas focar as crenças populares sobre a temática
 (alimentação e sexualidade nos altares e dosséis, nas imagens e festas, ver Covinhas: https://www.youtube.com/watch?v=tc9S2_tKD0U, Menina sem nome:
<https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid02SBQreUAYQGxWZfuY1oNxU9zyDktNXLWi7YDRgpcizfPjogMHB8Sn2GvUPqyrWV4Vl>

Foram abordados no GT os temas vida, morte e além; política, vida comunitária e ética. Luiz Lira Neto, doutorando do Programa de pós-graduação em Ciências da

Religião da UNICAP, expôs o tema, falando da importância do museu enquanto espaço pedagógico, de diálogo e respeito pelo diferente.

A percepção do termo “além” nas diversas religiões foi ponto de destaque na conversa, sendo questionado como materializar as representações do termo em religiões que acreditam no além morte, e como representar em religiões como as neopagãs, que não vislumbram um determinado espaço além.

Levar o visitante às diversas linhas de pensamentos e correntes religiosas, gravar falas e depoimentos do que não se pode expressar conceitual e racionalmente, como construções de mitos, ditos e interditos do que se está orientando a vida micro e macro política, a partir de rituais em torno da morte e das visões sobre o além dela. Foi sugerido se conectar e relacionar as temáticas de vida, morte e além.

A dificuldade prática de tirar do campo religioso a influência restritamente cristã, a simbologia com intuito pedagógico, o cuidado com museologia e materialidade da história religiosa como patrimônio da humanidade foram pontos relevantes na opinião dos participantes.

A importância do olhar atento ao outro religioso, e ao significado que ele dá ao seu imaginário, pela curadoria, foi destaque nas considerações do Grupo. Além das exposições permanentes, enfatizou-se a necessidade de vivências temporárias, aproveitando os tempos fortes das religiosidades, sobretudo locais e envolvendo os seus representantes. Foi lembrada a preocupação com a censura e o proselitismo religiosos por esse Grupo de Trabalho.

A desconstrução de uma mentalidade colonizadora cristã, a visitação da visão pecaminosa em relação ao sexo presente em algumas religiões, a análise dos pontos positivos e negativos da própria religião são momentos de conflitos necessários para a construção de um diálogo e uma mudança de mentalidade.

4.3. DIÁLOGOS E CONFLITOS

Diálogos e conflitos: religiões cósmicas, místicas e proféticas; conflitos, diálogos e sincretismos entre correntes espirituais; filosofias e sabedorias pós ou não religiosas; ciências e múltiplos altares da modernidade; mística transreligiosa; **povos e religiões:** níveis de participação religiosa; magias populares e mística dos santos; saúde e salvação.

- apresentar experiências rituais de encontro entre as religiões, como na missa cósmica: <https://www.thecosmicmass.com/>; ou no encontro da nova consciência: <https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/?authuser=2>

- criar apresentações virtuais de relatórios e observatórios da liberdade religiosa pelo mundo, como em: <https://olire.org/es/>; ou <https://www.acn.org.br/relatorio-liberdade-religiosa/>
- mostrar documentários e cartilhas sobre o combate à intolerância religiosa: <https://www1.unicap.br/observatorio2/?p=7579>; <https://www1.unicap.br/observatorio2/?p=7570>
- disponibilizar trechos de documentos e mostras sobre religiões e direitos humanos: <https://www.facebook.com/gilbraz.aragao/posts/pfbid021gsa8hwTfXEnbSLt6CZZxiK545T7RF3TpjUPEx4qjEzy9JaUEt8f1qjiYgsE4QzXI>
- apresentar documentários sobre as religiões e a ética: https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=34
- como é a religião vivida mesmo pelas pessoas no Brasil: <https://revistasenso.com.br/edicao-22-religiao-a-brasileira/>
- como estão hoje as religiões originárias na África: <https://youtu.be/7BWZQEPFK5Q?si=kntdKZDleceK2wPI>

Duas perguntas deslancharam o debate do GT: como podemos tentar ver de maneira diferente, não linear e evolucionista, as coisas que colocamos nos museus religiosos? Como um museu pode apresentar as coisas de maneira correlacional e complexa?

Uma possibilidade é explorar o tratamento de objetos selecionados com base na visão do museu como uma “zona de contato” ou como um “terceiro espaço”, capaz de enfatizar que os museus e os objetos neles contidos podem funcionar como cenários de contato cultural, contestação, possível aprendizado e troca.

Diálogos e conflitos: religiões cósmicas, místicas e proféticas; conflitos, diálogos e sincretismos entre correntes espirituais; filosofias e sabedorias pós ou não religiosas; ciências e múltiplos altares da modernidade; mística transreligiosa; povos e religiões: níveis de participação religiosa; magias populares e mística dos santos; saúde e salvação. Este eixo temático conversou sobre estes pontos e foram indicadas algumas recomendações.

Apresentar experiências rituais de encontro entre as religiões, como na missa cósmica ou no encontro da nova consciência; criar apresentações virtuais de relatórios e observatórios da liberdade religiosa pelo mundo; mostrar documentários e cartilhas sobre o combate à intolerância religiosa; disponibilizar trechos de documentos e mostras sobre religiões e direitos humanos.

Apresentar documentários sobre as religiões e a ética; como é a religião vivida mesmo pelas pessoas no Brasil afora; como estão hoje as religiões originárias na África?

A questão do conflito. Uma outra visão. O conflito interior das pessoas que terão acesso ao Eco Parque e se deparam com o diferente, principalmente aquele diferente que choca pelo preconceito. "Durante uma caminhada nas trilhas do Parque, deparar-se com um prato com alimentos sagrados", por exemplo. Como capturar esse tipo de conflito e torná-lo experiência do próprio museu?

O museu como centro terapêutico para os conflitos internos e sociais, convidando as pessoas para o diálogo, ao acolhimento e à educação. A educação é ponto importante para que as pessoas se sintam acolhidas. Como deve ser a forma de coleta das devolutivas dos/as visitantes? Suas opiniões, seus conflitos, suas experiências...

O museu como "espaço clínico", com um "trato terapêutico". O conflito é tirado de onde está e é levado para este terceiro espaço. O museu é um espaço político. É um espaço progressista que promove o diálogo, a inclusão e a convergência. Como deixar claro que "teologia" é essa, uma teologia fundamental das experiências religiosas, que o Eco Parque compreende?

O Eco Parque tem função pedagógica, é um espaço educativo. "Religião é cultura", cada povo tem uma cultura! Como os objetos, as peças irão ocupar os espaços e entrelugares criados no museu? Contra-exemplo da exposição do Van Gogh, que não possui espaços.

De onde virão as peças e objetos? Direitos autorais, etc. Observar os teóricos que serão usados para se definir a pedagogia do museu. Tradicionalmente essas pessoas são homens, brancos e europeus. Há alguma possibilidade e ser ter uma pedagogia descentralizada, decolonial?

A atual geração nasceu utilizando computadores e celulares, navegando na internet. Qual é a pedagogia para esse grupo? O que os atrairá? Imagens, semiótica e audiovisual, devem ser altamente sugeridas.

Cultura popular: as relações das manifestações populares de cultura e devoção estudadas e concretizadas dentro do museu. "O conflito é a descoberta da riqueza do diferente!". "Vou ao Eco Parque para ver algo diferente!". A parte científica em ação para tornar o objeto, ou a manifestação, ou o som, ou o cheiro, objetos de representação e exposição no museu. O museu usando tecnologia, promovendo a interação das pessoas com as obras.

Conteúdo das salas como projeções. Exemplo do Museu da Língua Portuguesa. Objetos físicos ficariam na parte externa do Eco Parque. Gamificação. Usar as experiências sensoriais. Pode haver publicidade dentro do museu? Pode haver uma celebração religiosa no museu?

Trabalhar as políticas DEIA: diversidade, equidade, inclusão e acessibilidade em todas as ações do Eco Parque. Qual é a abrangência do Eco Parque? Local, regional, nacional ou mundial?

Estar atentos/as às questões museológicas. Temporalidade das ações: o que se pode concretizar em cada janela temporal? Aproximar-se com a comunidade através de oficinas, mostrando que as diferenças não são problemas. Trazer as

pessoas que fazem: o santeiro, o artista, a cozinheira, etc. O conhecimento precisa de um outro sentido que não são os cinco tradicionais, e está além da razão e das emoções: o sentido do infinito... O Eco Parque das Religiões deve cultivar mística como respeito ao mistério da realidade, deve tocar nas pessoas e grupos com suas variações da experiência de um sentimento oceânico.

5. REFERÊNCIAS

Referências Principais:

MAIRESSE, François (dir.), ICOFOM Study Series, 47 (1-2), 2019 « **Museology and the Sacred** » (en ligne), mis en ligne le 12 octobre 2019. <https://journals.openedition.org/iss/1244>

ORZECCH, Charles. **Museums of World Religions: Displaying the Divine, Shaping Cultures**. London: Bloomsbury Academic, 2020. <https://www.amazon.co.uk/Museums-World-Religions-Displaying-Bloomsbury-ebook/dp/B085S26TV7>

ROQUE, Maria Isabel. **O sagrado no Museu**. Lisboa: UCP Editora, 2011. <https://www.uceditora.ucp.pt/pt/artes-e-humanidades/2561-o-sagrado-no-museu.html>

Referências Secundárias:

Sobre história das religiões:

BERKENBROCK, Volney. O mundo religioso. Petrópolis: Vozes, 2019. <https://www.amazon.com.br/Mundo-Religioso-Volney-J-Berkenbrock/dp/853266010X>

BOWKER, John (org.). O livro de ouro das religiões. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. <https://www.amazon.com.br/Livro-Ouro-Religi%C3%B5es-John-Bowker/dp/8500013729>

HITCHCOCK, Susan e ESPOSITO, John. História das religiões. São Paulo: Editora Abril, 2005 <https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Religi%C3%B5es-Susan-Hitchcock-Esposito/dp/8536401524>

LAMBERT, Yves. O nascimento das religiões: da pré-história às religiões universalistas. São Paulo: Loyola, 2011 <https://www.amazon.com.br/nascimento-das-religi%C3%B5es-pr%C3%A9-hist%C3%B3ria-universalistas/dp/8515038463>

NEVILLE, Robert (Org.). A condição humana: um tema para religiões comparadas. São Paulo: Paulus, 2005. <https://www.estantevirtual.com.br/livros/robert-cummings-neville-org/condicao-humana-a-um-tema-para-religoes-comparadas/471477890>

NOSS, David e GRANGAARD, Blake. História das religiões mundiais. Petrópolis: Vozes, 2023 <https://www.livrariavozes.com.br/historiadasreligioesmundiais6557132857/p>

O'BRIEN, Joanne e PALMER, Martin. O atlas das religiões. São Paulo: Publifolha, 2008. <https://www.estantevirtual.com.br/livros/joanne-obrien-e-martin-palmer/o-atlas-das-religoes-o-mapeamento-completo-de-todas-as-crencas/454233660>

PADEN, William. Comparative religion. In: HINNELL, J. (Ed.). The routledge companion to the study of religion (2ed). Routledge,

2010. <https://www.routledge.com/The-Routledge-Companion-to-the-Study-of-Religion/Hinnells/p/book/9780415473286>

PADEN, William. Interpretando o sagrado: Modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 2001. <https://www.estantevirtual.com.br/livros/william-e-paden/interpretando-o-sagrado/3849749166?q=william%20e%20paden%20interpretando%20o%20sagrado>

PADEN, William. New Patterns for Comparative Religion: Passages to an Evolutionary Perspective. London: Bloomsbury Academic, 2016. <https://www.amazon.com.br/New-Patterns-Comparative-Religion-Evolutionary-ebook/dp/B01FA850YW/>

PILAGALLO FILHO, Oscar (Ed.). Religiões e culturas: crenças e mitologias de todas as civilizações. São Paulo: Moderna, 2008. <https://www.amazon.com.br/gp/product/8516061019>

PRIETO, Victorino e RUEDA, José Luis. Diccionario Panikkariano. Barcelona: Herder Editorial, 2016. <https://herdereditorial.com/catalogo/religion/diccionario-panikkariano-9788425437243>

SCHERER, Burkhard. As grandes religiões: temas centrais comparados. Petrópolis: Vozes, 2005. <https://www.amazon.com.br/Grandes-Religi%C3%B5es-Temas-Centrais-Comparados/dp/8532631304>

TERRIN, Aldo. Introdução ao estudo comparado das religiões. São Paulo: Paulinas, 2003. <https://www.amazon.com.br/Introdu%C3%A7%C3%A3o-Estudo-Comparado-Das-Religioes/dp/853561012X>

VALLET, Odon. Uma outra história das religiões. São Paulo: Globo, 2002 <https://www.amazon.com.br/Uma-Outra-Historia-Das-Religioes/dp/8525035564>

VVAA. O livro das religiões. São Paulo: Globo Livros, 2014 <https://www.amazon.com.br/Livro-das-Religi%C3%B5es-V%C3%A1rios-Autores/dp/8525062472/>

Wikipedia. Histoire des religions. https://fr.wikipedia.org/wiki/Histoire_des_religions

WILKINSON, Philip. Religiões. Rio de Janeiro: Zahar, 2011 <https://www.amazon.com.br/Guia-Ilustrado-Zahar-Religi%C3%B5es-Cole%C3%A7%C3%A3o/dp/8537806714>

Sobre museologia e sagrado:

Araújo Jr. I. O papel das imagens sacras na religiosidade: Análise das obras do Museu de Arte Sacra de Pernambuco e Igrejas do Sítio Histórico de Olinda. (Mestrado em Ciências da Religião). PPGCR-UNICAP, Recife, 2016. Disponível em: http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/396/1/iron_mendes_araujo_junior.pdf

Beyer, M. & Takke, J. (2012). Guidelines on Ways of Dealing with Religious Objects, Utrecht: Museum Catharijnenconvent. Page consultée le 5 décembre 2017

sur: https://www.catharijneconvent.nl/documents/56/Guidelines_dealing_with_religious_objects_oyww2E0.pdf

Berns, S. (2015). *Sacred Entanglements: Studying Interactions Between Visitors, Objects and Religion in the Museum*. University of Kent.

Berto, J. (2016). *Preservação de Bens Culturais Sacros: os Museus de Arte Sacra e suas especificidades*. UNICAMP, Campinas. Disponível em <https://www.cmu.unicamp.br/viiiseminario/wp-content/uploads/2017/05/Preserva%C3%A7%C3%A3o-de-Bens-Culturais-Sacros-os-Museus-de-Arte-Sacra-e-suas-especificidades-JO%C3%83O-PAULO-BERTO.pdf>

Bowersox, E. *A museologia e o sagrado: um estudo sobre o Museu Nossa Senhora Aparecida*. 2019. 390 f. Dissertação (Mestrado em Museologia). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Buggeln, G., Plate, B. S., & Paine, C. (Eds.). (2017). *Religion in Museums: Global and Multidisciplinary Perspectives*. London: Bloomsbury.

Buggeln, G., & Franco, B. (Eds.). (2018). *Interpreting Religion at Museums and Historic Sites*. American Association for State and Local History Interpreting History Series. Lanham: Rowman & Littlefield.

Cameron, D. (1971). *Museum, a temple or a forum*, *Curator*, 14, march, 11-24.

Capurro, R. (2013). *Musei e Oggetti Religiosi: Arte, Sacro e Cultura Religiosa nel Museo*. Milan: Vita e Pensiero.

Castro, A. *O museu: do sagrado ao segredo*. 1995. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1995.

Christophe, A. & Garnier, M. (2014). *En pèlerinage au musée : sur les traces de La Joconde*, in Mairesse F. (ed.), *Voir la Joconde, approches muséologiques*, (pp. 15-36). Paris: L'Harmattan.

Deloche, B. (2001). *Le musée virtuel*, Paris: Presses universitaires de France.

Duncan, A. & Wallach, C. (1978). *The Museum of Modern art as late capitalist ritual: an iconographic analysis*, *Marxist perspectives*, 4, 28-51.

Eliade, M. (1965). *Le sacré et le profane*, Paris: Gallimard.

Gilman, B. (1923). *Museums Ideals of Purpose and Methods*, Cambridge: Harvard University Press (2nd ed.).

Gitsin, P. *Os ritos de musealização e a musealização de ritos*. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 149, 2019.

Howes, G. (2007). *The Art of the Sacred: an Introduction to the Aesthetics of Art and Belief*. London: I. B. Tauris.

- ICOFOM (1999). *Museology and Philosophy*, ICOFOM Study Series 31.
- Mairesse, F. (2014). *Le culte des musées*, Bruxelles : Académie royale de Belgique (Académie en poche).
- Mensch P. (2015). *Museality at breakfast*, *Museologica Brunensia*, 7, 14-19.
- Michel, E. (1948). *Musées et conservateurs. Leur rôle dans l'organisation sociale*, Bruxelles: Presses de Office de publicité.
- Michel, P. (1999). *La Religion au Musée: Croire dans l'Europe Contemporaine*. Paris: Harmatan.
- Neustupny, J. (1968). *Museum and Research*, Prague: National Museum.
- OCIM, (1995). *Musées et Recherche*, Actes du colloque tenu à Paris, les 29, 30 novembre et 1er décembre 1993, Dijon: OCIM.
- Otto, R. (1969). *Le sacré*, Paris: Payot.
- Paine, C. (2019). *Gods and Rollercoasters: Religion in Theme Parks Worldwide*. London: Bloomsbury.
- Roque, M. (2011). *A exposição do sagrado no museu*. *Comunicação & Cultura*, n.º 11. Disponível em <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/558/505>
- Texier, R. (1990). *Sacré*, in Jacob A. (ss la dir.) *Encyclopédie philosophique universelle*, II, Les notions philosophiques (pp. 2291-2293). Paris: Presses Universitaires de France.
- Tirapeli, P. (2020). *A musealização do sagrado*. *Museologia e Patrimônio*, Vol.13, n1. Disponível em <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/797>
- Turcan, R. (2014). *L'archéologie dans l'Antiquité. Tourisme, lucre et découvertes*, Paris: Les Belles Lettres.
- UNESCO, (2003). *Convention pour la sauvegarde du patrimoine culturel immatériel*. Page consultée le 5 décembre 2017 sur <https://ich.unesco.org/fr/convention>
- Varine-Bohan, H. (1979). *Passado, presente e futuro dos museus*. In: *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat.
- Waidacher, F. (1996). *Handbuch der Allgemeinen Museologie*, Wien: Böhlau Verlag, (2te Auf.).

6. ANEXOS

6.1. Fotos do Simpósio



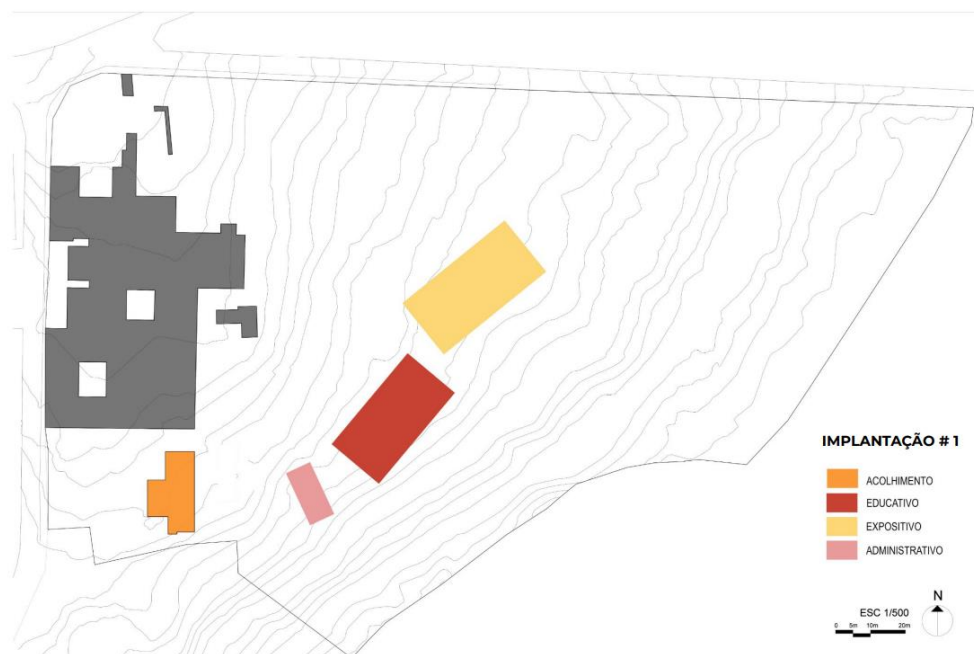








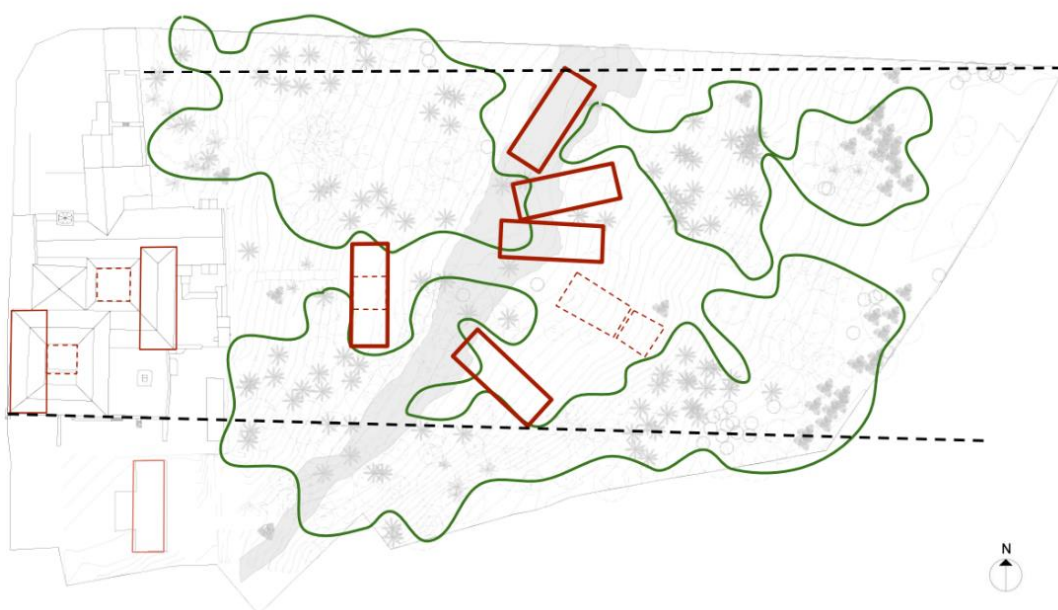
6.2. Conceito Arquitetônico do Museu





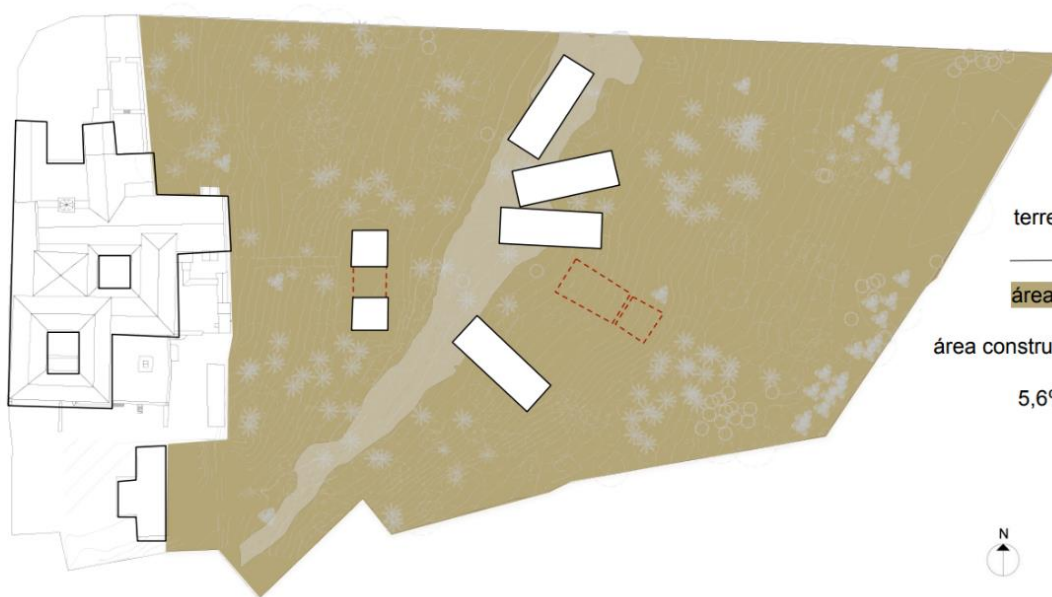


LINHAS DE FORÇA
convergência



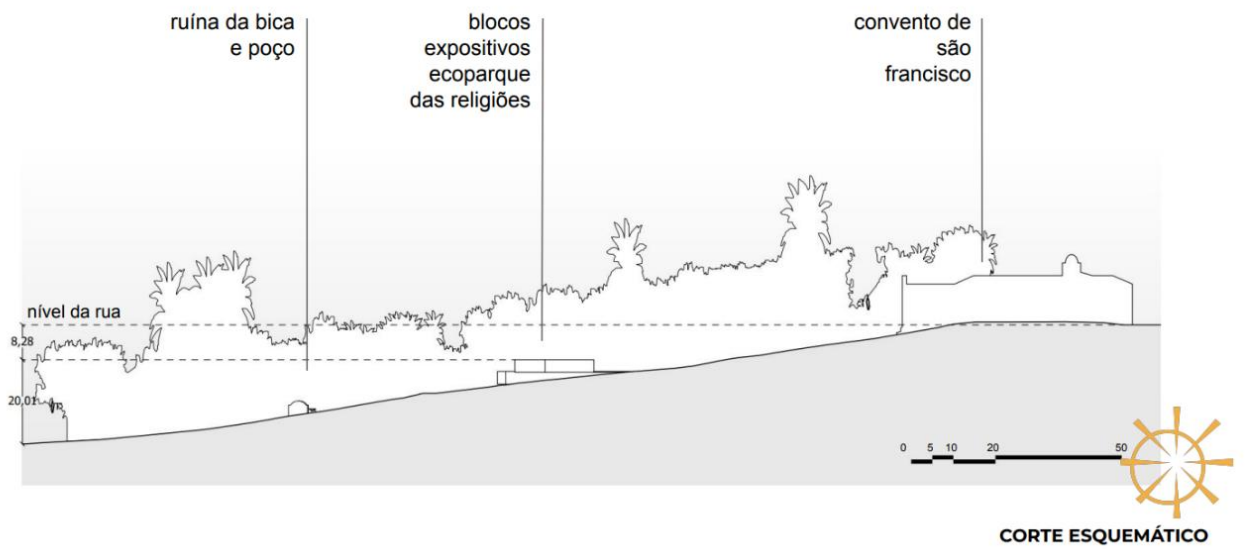
RECUOS







IMPLANTAÇÃO



CORTE ESQUEMÁTICO

ARQUITETAS E PROFESSORAS:

ANA LUISA ROLIM
ANDREA STORCH
VERA FREIRE

COLABORAÇÃO:

HUGO BRESANI
PEDRO AUGUSTO

DIRETORIA UNICAP ICAM TECH

ANDREA CÂMARA

COORDENAÇÃO DO CURSO ARQ.URB

PAULA MACIEL

contato: andrea.storch@unicap.br // 81 985222922



JULHO . 2023